GRACILIANO RAMOS - 12 x 4 VC

250 páginas

O mundo coberto de pennas

~~[illegible]~~

Romance

Capa de Santa Rosa

~~[illegible]~~

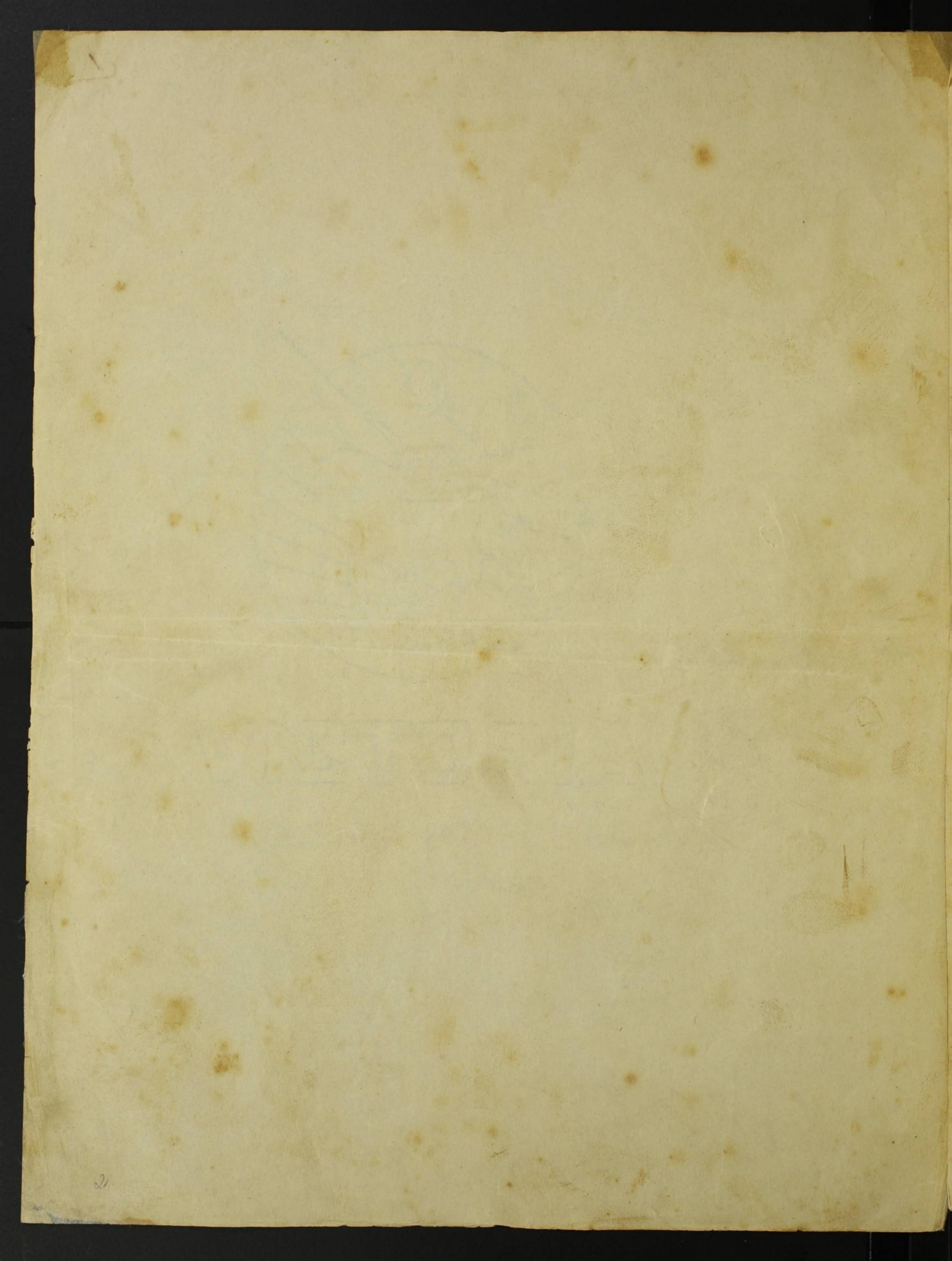
VV VG VV - 8 x 30

Livrarie [illegible] Editora

[illegible] Divisão [illegible] - 8 x 30 gr.

[illegible] - 10 x 6 VV

MUDANÇA



4/

7

2 fls

Na planicie avermelhada os joazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cançados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio secco, a viagem progredira bem tres leguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos joazeiros appareceu longe, atravez dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Victoria com o filho mais novo escanchado no quarto e o bahu de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aiol a tiracollo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no hombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atraz.

Os joazeiros approximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho poz-se a chorar, sentou-se no chão,

— Anda, condemnado do diabo, gritou-lhe o pae.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta.

Mas o pequeno esperneou acuado, depois socegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que elle se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A catinga extendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia circulos altos em redor de bichos moribundos.

— Anda, excommungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matal-o. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguem pela sua desgraça. A secca apparecia-lhe como um facto necessario — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstaculo miudo não era culpado, mas difficultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama secca e rachada que escaldava os pés.

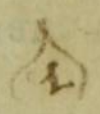
Pelo espirito atribulado do sertanejo passou a idéa de abandonar o filho naquelle descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinha Victoria estirou o beiço indicando vagamente uma direcção e affirmou com alguns sons gutturaes que estavam perto. Fabiano metteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estomago, frio como um defuncto. Ahi a colera desappareceu e Fabiano teve pena. Impossivel abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinha Victoria, poz o filho no cangote, levantou-se,

agarrou os bracinhos que lhe cahiam sobre o peito, molles, finos como cambitos. Sinha Victoria approvou esse arranjo, lançou de novo a interjeição guttural, designou os joazeiros invisiveis.

E a viagem proseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silencio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costellas á mostra, corria offegando, a lingua fóra da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.

Ainda na vespera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descançado, á beira duma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia signal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, emquanto parava, dirigia as pupillas brilhantes aos objectos familiares, extranhava não ver sobre o bahu de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano tambem ás vezes sentia falta della, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raizes, á toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rez perdida na catinga. Sinha Victoria, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertava-a um grito aspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa attitude ridicula. Resolvera de supetão aproveital-o como alimento e justificava-se e declarando a si mesma que elle era mudo e inutil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamen-



-1-

te a familia falava pouco. E depois daquelle desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos joazeiros tornaram a apparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas delle estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

Num cotovello do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz sahiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.

Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos joazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.

Sinha Victoria accommodou os filhos, que arrearam como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas seccas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, accordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte proximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto delle.

Estavam no pateo duma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e tambem deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo annunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.

Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. [redacted] Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistencia, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera,

(7)

alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a familia. Mas chegando aos joazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quiz accordal-os. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira.

Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro proximo e sahiu correndo.

Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o ceo, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lagrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, [illegible] mendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrivel, aquelle azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava dia e sahia dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, sommaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Victoria, um abraço cançado approximou os farrapos que os cobriam. Resistiram á fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem animo de affrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que

alcançou o terreiro do fundo, via um barreiro vazio, [illegible] de cetin-
queiras [illegible], um [illegible] de [illegible] o [illegible] de [illegible] do [illegible]. [illegible]
[illegible] do [illegible], [illegible] e [illegible] onde [illegible] as [illegible] e
o [illegible] dos [illegible]. [illegible], [illegible] a [illegible] da [illegible]. [illegible]
[illegible], [illegible] um instante no [illegible], [illegible] tenção de [illegible] a [illegible]
[illegible]. [illegible] os [illegible], [illegible] [illegible] e não
[illegible]. [illegible] [illegible], [illegible] de [illegible] das [illegible]
uma [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] de [illegible]
[illegible], [illegible] tudo [illegible] a [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible],
[illegible] [illegible] [illegible], [illegible] um [illegible], [illegible] [illegible] [illegible]
e [illegible] [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
por [illegible] do [illegible]. [illegible] o [illegible] da [illegible], [illegible] o [illegible]. [illegible] os [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] do [illegible]. [illegible] as [illegible]. [illegible]
[illegible] [illegible] dos [illegible], [illegible], [illegible] [illegible], [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] [illegible], [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] e [illegible] a [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible], [illegible], [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible].

[illegible], [illegible] no [illegible] [illegible], os [illegible] [illegible]
[illegible], [illegible] as [illegible] [illegible] e os seus [illegible], [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] junto do [illegible] de [illegible] Victoria, um [illegible] [illegible] [illegible] os
[illegible] que os [illegible], [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] [illegible].
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

que os alentava.

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as palpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Victoria beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquillo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o ceo com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

Sinha Victoria remexeu no bahu, os meninos foram quebrar uma hastе de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido attento, o trazeiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio secco, achou no bebedouro dos animaes um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a agua marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, cahiu de papo para cima, olhando as estrellas que vinham nascendo. Uma, duas, tres, quatro, havia muitas estrellas, havia mais de cinco estrellas no ceo. O poente cobria-se de cirrus — e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.

Pensou na familia, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se differençava muito da bolandeira de seu Thomaz. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Thomaz?

Olhou o ceo de novo. Os cirrus accumulavam-se, a lua surgiu,

grande e branca. Certamente ia chover.

Seu Thomaz fugira tambem, com a secca, a bolandeira estava parada. E elle, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia porque, mas era.

Uma, duas, tres, havia mais de cinco estrellas no ceo. A lua estava cercada dum halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga resuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, elle, Fabiano, seria o vaqueiro daquella fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Victoria vestiria saias de ramagens vistosas. As vaccas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.

Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo dum joazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a agua salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna ~~xxxxxxx~~ sacudia os chiquechiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma resurreição de garranchos e folhas seccas.

Chegou. Poz a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da familia. Em seguida acocorou-se, remexeu o aiol, tirou o fuzil, accendeu as raizes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azues. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.

Eram todos felizes. Sinha Victoria vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Victoria remoçaria, (as nadegas bambas de sinha Victoria engrossariam,) a roupa encarnada de sinha Victoria provocaria a inveja das outras caboclas.

A lua crescia, a sombra leitosa crescia, as estrellas foram esmorecendo naquella brancura que enchia a noite. Uma, duas, tres, agora ha-

via poucas estrellas no ceo. Ali perto a nuvem escurecia o morro.

A fazenda renasceria — e elle, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquelle mundo.

Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aiol, a cuia d'agua e o bahu de folha pintada. A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brazas.

Uma resurreição. As cores da saude voltariam á cara triste de sinha Victoria. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A caatinga ficaria verde.

Baleia agitava o rabo, olhando as brazas. E como não podia occupar-se daquellas coisas, esperava com paciencia a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.

11

10

2

14-76 V.C.

16

FABIANO

6/

2

Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no aiol um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinario. Não o encontrou, mas suppoz distinguir as pisadas delle na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciencia tranquilla e marchou para casa. Chegou-se á beira do rio. A areia fofa cançava-o, mas ali, na lama secca, [redacted] as alpercatas delle faziam chapchap, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no hombro, pendurados em correias, batiam surdos. A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inuteis, mas o vaqueiro, o pae do vaqueiro, o avô deste e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos [redacted] já come-

11

çavam a reproduzir o gesto hereditario.

Chapchap. Os tres pares de alpercatas batiam na lama rachada, secca e branca por cima, preta e molle por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava.

A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga a novilh a raposa.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquelle estado, com a familia morrendo de fome, comendo raizes. Chhira no fim do pateo, debaixo dum joazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Elle, a mulher e os filhos tinham-se habituado ás camarinhas escuras, pareciam ratos — e a lembrança dos soffrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aiol um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, accendendo-o ao binga, poz-se a fumar regalado.

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, elle não era um homem: era apenas um cabra occupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos ~~grandes~~ azues, a barba e os cabellos ruivos; mas como viva em terra alheia, cuidava de animaes alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fóra os meninos, alguem tivesse percebido a phrase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para elle era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, ca-

paz de vencer difficuldades.

Chegara naquella situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cahir morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ella, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e offerecera os seus prestimos, resmungando, coçando os cotovellos, sorrindo afflicto. O geito que tinha era ficar. E o patrão acceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguem o tiraria d'ali. Apparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raizes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os chiquechiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as barahunas. Elle, sinha Victoria, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados na terra.

Chapchap. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina delle era correr mundo, andar para cima e para baixo, á toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela secca. Achava-se ali de passagem, era hospede. Sim senhor, hospede que se demorava demais, tomava amizade á casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao joazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio

lamber-lhe as mãos grossas e cabelludas. Fabiano recebeu a caricia, enterneceu-se:

— Você é um bicho, Baleia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animaes. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavallo, grudava-se a elle. E falava uma linguagem cantada, monosyllabica e guttural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Ás vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma lingua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéas. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difficeis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que ellas eram inuteis e talvez perigosas.

Uma das crianças approximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, reprehendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito inxerido. Se continuasse assim, mettido com o que não era da conta delle, como iria acabar? Repelliu-o, vexado:

— Esses capetas têm idéas...

Não completou o pensamento, mas achou que aquillo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infancia, viu-se miudo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pae no serviço do campo, interrogando-o debalde. Chamou os filhos, falou de coisas immediatas, procurou interessal-os. Bateu palmas:

— Ecô! Ecô!

A cachorra Baleia sahiu correndo entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a, afagou-a. ~~Fabiano~~ Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. Era bom elles saberem que deviam proceder assim.

Alargou o passo, deixou a lama secca da beira do rio, chegou á ladeira que levava ao pateo. Ia inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse apparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquella perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado. Felizmente a novilha estava curada com reza. Se morresse, não seria por culpa delle.

— Ecô! Ecô!

Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espirito de Fabiano se destoldou. Aquillo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercicio facil — bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou (a) voltar, a lingua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição (e), pensando na egua que ia montar, uma egua que não fôra ferrada nem levara sella. Haveria na catinga um barulho medonho.

Agora queria entender-se com sinha Victoria a respeito da educação dos pequenos. Certamente ella não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panellas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E elles estavam pergun-

(2)

(3)

tadores, insupportaveis. Fabiano dava-se bem com a ignorancia. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

— Está ahi.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.

Lembrou-se de seu Thomaz da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Thomaz da bolandeira. Porque? Só se era porque lia demais. Elle, Fabiano, muitas vezes dissera: "Seu Thomaz, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Thomaz se estrepa, igualzinho aos outros." Pois viera a secca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por ahi, molle. Talvez já tivesse dado o couro ás varas, que pessoa como elle não podia aguentar um verão puxado.

Certamente aquella sabedoria inspirava respeito. Quando seu Thomaz da bolandeira passava, amarello, sisudo, corcunda, montado num cavallo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Thomaz respondia tocando na beira do chapeo de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imital-o: dizia palavras difficeis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como elle não tinha nascido para falar certo.

Seu Thomaz da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornaes e livros, mas não sabia mandar: pedia. Exquisitice

um homem remediado ser cortez. Até o povo censurava aquellas maneiras. Mas todos obedeciam a elle. Ahn! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram differentes. O patrão actual, por exemplo, berrava sem precisão. Quasi nunca vinha á fazenda, só botava os pés nella para achar tudo ruim. O gado augmentava, o serviço ia bem, mas o proprietario descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapeo de couro debaixo do braço, desculpava-se e promettia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar auctoridade, gritar que era dono. Quem tinha duvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contractado, recebera o cavallo de fabrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sahir, largaria tudo ao vaqueiro que o substituisse.

Sinha Victoria desejava possuir uma cama igual á de seu Thomaz da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrarial-a, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fóra, e elles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo dum pau.

Olhou a catinga amarella, que o poente avermelhava. Se a secca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que elle se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, succedera o mesmo — annos bons misturados com annos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Elle marchando para casa, trepando a ladei-

[redacted]

ra, espalhando seixos com as alpercatas — ella se avizinhando a galope, com vontade de matal-o.

Virou o rosto para fugir á curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Thomaz da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ella, sentir-se com força para brigar com ella e vencel-a. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sahiria da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

— Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabelludo, parou, reaccendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquillo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quasi uma rez na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estomago. Viveria muitos annos, viveria um seculo. Mas se morresse de fome ou nas pontas dum touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.

Tudo secco em redor. E o patrão era secco tambem, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensavel os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, concertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não callejassem, teriam o fim de seu Thomaz da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estomago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as seccas desapparecessem e tudo andasse

[redacted]

[redacted]

[redacted]

direito... Seria que as seccas iriam desapparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Thomaz da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquelle perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia delles.

Alcançou o pateo, enxergou a casa baixa e escura de telhas pretas, deixou atraz os joazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e lizo. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.

Áquella hora sinha Victoria devia estar na cozinha, acocorada junto á trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta. Fabiano [redacted] sentiu vontade de comer. Depois da [redacted] comida, falaria com sinha Victoria a respeito da educação dos meninos.

[redacted]

[redacted]

21

40

16

14-76-V.C.

CADEIA

Fabiano tinha ido á feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras. Sinha Victoria pedira alem disso uma garrafa de kerozene e um córte de chita vermelha. Mas o kerozene de seu Ignacio estava misturado com agua, e a chita da amostra era cara demais.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o panno, regateando um tostão em covado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos obliquos. Á tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, metteu-as na algibeira, dirigiu-se á bodega de seu Ignacio, onde guardara os picuás.

Ahi certificou-se novamente de que o kerozene estava baptizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Ignacio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo dum trago, cuspiu, limpou os beiços á manga, contrahiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha agua. Porque seria que seu Ignacio botava agua em tudo? perguntou mentalmente. Ani-

AS

mou-se e interrogou o bodegueiro:

— Porque é que vossemecê bota agua em tudo?

Seu Ignacio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulario delle era pequeno, mas em horas de communicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Thomaz da bolandeira. Pobre de seu Thomaz. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Thomaz era pessoa de consideração e votava. Quem diria?

Nesse ponto um soldado amarello approximou-se e bateu familiarmente no hombro de Fabiano:

— Como é, camarada? Vamos jogar um trinta e um lá dentro?

Fabiano attentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Thomaz da bolandeira:

— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Emfim, comtanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atraz do amarello, que era auctoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substancia, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde varios typos jogavam cartas em cima duma esteira.

— Desafasta, ordenou o policia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarello pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano encalacrou-se tambem. Sinha Victoria ia damnar-se, e com razão.

— Bem feito.

Ergueu-se furioso, sahiu da sala, trombudo.

— Espera ahi, paizano, gritou o amarello.

Fabiano, as orelhas ardendo, não se virou. Foi pedir a seu Ignacio os troços que elle havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforges no hombro, ganhou a rua.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou [redacted] com sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a sinha Victoria? Forjava uma explicação difficil. Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para sinha Rita louveira. Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de sinha Rita apparecia sempre, e isto o desgostava. Arrumaria uma historia sem ella, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pellado no trinta e um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levara sumiço. Falaria assim: "Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforges na bodega de seu Ignacio. Encontrei um soldado amarello." Não, não encontrara ninguem. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infancia. A mulher se incharia com a noticia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. Pois estava acabado. O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Ignacio. Natural.

Repetia que era natural quando alguem lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá. A feira se desmanchava; escurecia; o homem da illuminação, trepando numa escada, accendia os lampiões. A estrella papa-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar

na porta da pharmacia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com os talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de fructas; seu vigario sahiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; sinha Rita louceira retirou-se.

Fabiano estremeceu. Chegaria á fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o kerozene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarello, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapeo de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapeo de couro, aquelle tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas em roda e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga elle ás vezes cantava de gallo, mas na rua encolhia-se.

— Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

— Desafasta, bradou o policia.

E insultou Fabiano, porque elle tinha deixado a bodega sem se despedir.

— Lorota,

— Isso é lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuidos no jogo?

Engasgou-se. A auctoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reuna em cima da alpercata do vaqueiro.

— Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que molle e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força, Fabiano impacientou-se e

xingou a mãe delle. Ahi o amarello apitou, e em pouco dentro em pouco o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

— Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem comprehender uma accusação medonha e não se defendeu.

— Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paizano.

Fabiano [redacted] cahiu de joelhos, repetidamente uma lamina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do carcere. A chave tilintou [redacted] na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! hum!

Porque tinham feito aquillo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fôra preso. De repente um fusuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquella desgraça. Tinham-lhe cahido todos em cima, de supetão, como uns condemnados. Assim um homem não podia resistir.

— Bem, bem.

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moido, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão exquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.

Ora o soldado amarello... Sim, havia um amarello, criatura desgraçada que elle, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha feito desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo:

— Safado, mofino, escarro de gente.

Por amor duma peste daquella, maltratava-se um pae de familia. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforges que haviam cahido no chão, certificou-se de que os objectos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se duma fazenda vista na ultima das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exactamente o que sinha Victoria desejava. Encolhendo um tostão em covado, por sovinice, acabava o dia daquelle geito.

Tornou a mexer nos alforges. Sinha Victoria devia estar desassocegada com a demora delle. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, elle teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para elle. Havia engano, provavelmente o amarello o confundira com outro. Não era senão isso.

Então porque um semvergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nelle? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violencias, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi offerecia consolações: "Tenha paciencia.Apanhar do governo não é desfeita."

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

— Ahn!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado

amarello fosse governo. Governo, uma coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarello estava ali perto, alem da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarellos? Deu [redacted] na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarellos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou á grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não ha nada não.

Havia muitas coisas. Elle não podia explicar-as, mas havia. Fossem perguntar a seu Thomaz da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Thomaz da bolandeira contaria aquella historia. Elle, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Victoria, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descançar? Deviam bulir com outros.

— Ahn!

Estava tudo errado.

— Ahn!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarello atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panella que chiava na trempe de pedras. Sinha Victoria punha sal na comida. Abriu os alforges novamente; [redacted] a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem . Sinha Victoria provava o caldo na quenga

amarello fosse governo. Governo, uma coisa distante e perfeita, não
podia errar. O soldado amarello estava ali perto, além da grade, era
fraco e ruim, [illegible] na estrada com os [illegible] e provocava-os depois.
O governo não devia consentir tão grande [illegible].

Qual era que serviam os soldados amarellos? Bem [illegible]
na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarel-
los? Os outros grosos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e
Fabiano acalmou-se:

--- Ex, bem. Não he nada não.

Devia muitas coisas. Elle não podia explical-as, mas havia.
Lhe sem perguntar a seu Thomaz de Bolandeira, que lia livros e sabia
onde tinha as ventas. Seu Thomaz de Bolandeira contaria aquella his-
toria. Elle, Fabiano, um bruto, não contava nada. O que ia voltar
esta junto do Sinha Victoria, deitar-se na cama de varas. Porque vi-
nha pelir com um homem que só [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
tros.

--- Ahn!

Estava tudo errado.

--- Ahn!

Tinham-lhe [illegible] [illegible] o soldado amarello [illegible]
a um [illegible] na [illegible]. Tinha [illegible]. Não dava um [illegible].

Lembrou-se da casa velha onde morava, na [illegible], de [illegible]
[illegible] chiava no tempo de [illegible]. Sinha Victoria [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible]. Abriu os [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] tinha [illegible]. Sem. Sinha Victoria [illegible] o caldo [illegible]

de coco. E Fabiano se aperreava por causa della, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da familia, sabida como gente. Naquella viagem arrastada, em tempo de secca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadellinha tinha trazido para elles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Victoria, inquieta, com certeza fôra muitas vezes escutar na porta da frente. O gallo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vaccas tiniam.

Se não fosse isso... Ahn! em que estava pensando? Metteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nelle meio quarteirão de kerozene.

Pobre de sinha Victoria, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do fogo, a panella chiando na trempe de pedras, Baleia attenta, o candieiro de folha pendurado na ponta duma vara que sahia da parede.

Estava tão cançado, tão machucado, que ia quasi adormecendo no meio daquella desgraça. Havia ali um bebedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor dum fogo que enchia o carcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o kerozene de seu Ignacio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos.

Accordou sobresaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse effeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatorio desconnexo do bebedo, cahiu numa indecisão dolorosa. Elle tambem dizia palavras sem sentido, conversava á toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mette-se um homem na cadeia porque elle não sabe (a) fiar direito? Que mal fazia a brutalidade delle? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, concertava as cercas, curava os animaes — aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquillo... Nem sabia. O fio da idéa cresceu, engrossou — e partiu-se. Difficil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demonio daquella historia entrava-lhe na cabeça e sahia. Era para um christão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendel-a. Impossivel, só sabia lidar com bichos.

Emfim, comtanto... Seu Thomaz daria imformações. Fossem perguntar a elle. Homem bom, seu Thomaz da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Elle, Fabiano, era aquillo mesmo, um bruto.

O que desejava... Ahn! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a sahir de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, sinha Victoria tropicava debaixo do bahu dos trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano tambem não sabia falar. Ás vezes largava nomes arrevezados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era bestêira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarellos que espancam as criaturas inoffensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aquelles sujeitos acocorados em torno do fogo? Que dizia aquelle bebedo que se esguelava como um doido, gastando folego á toa? Sentiu vontade de gritar, de annunciar muito alto que elles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguem no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa tambem não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, affirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigario e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguem prestava para nada. Elle, os homens acocorados, o bebedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lastima, só servia para aguentar facão. Era o que elle queria dizer.

E havia tambem aquelle fogo corredor que ia e vinha no espirito delle. Sim, havia aquillo. Como era? Precisava descançar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequencia duma pancada de cabo de facão. E doia-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panella fervendo.

Pobre de sinha Victoria, inquieta e socegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem elles...

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéas. O que o segurava era a familia. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, supportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarello não lhe

pisava o pé não. O que lhe amollecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aquelles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sahiria d'ali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarello. Não. O soldado amarello era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos delle. Entraria num bando de cangaceiros e faria um estrago nos homens que dirigiam o soldado amarello. Não ficaria um para semente. Era a idéa que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou! assustando o bebedo, os typos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aquelles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastalos? Sinha Victoria dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pae. Quando crescessem, guardariam as rezes dum patrão invisivel, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarello.

33

32

16

-14-7.6-V.C.

SINHA VICTORIA

Acocorada junto ás pedras que serviam de trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, sinha Victoria soprava o fogo. Uma nuvem de cinza voou dos tições e cobriu-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe os olhos, o rosario de contas brancas e azues desprendeu-se do cabeção e bateu na panella. Sinha Victoria limpou as lagrimas com as costas das mãos, encarquilhou as palpebras, metteu o rosario no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas.

Labaredas lamberam as achas de angico, esmoreceram, tornaram a levantar-se e espalharam-se entre as pedras. Sinha Victoria aprumou o espinhaço e agitou o abano. Uma chuva de faiscas mergulhou num banho luminoso a cachorra Baleia, que se enroscava no calor e cochilava embalada pelas emanações da comida.

Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapecar o pêlo, e ficou observando maravilhada as estrellinhas vermelhas que se apagavam antes de tocar o chão. Approvou com um movimento de cauda aquelle phe-

nomeno e desejou expressar a sua admiração á dona. Chegou-se a ella em saltos curtos, offegando, ergueu-se nas pernas trazeiras, imitando gente. Mas sinha Victoria não queria saber de elogios.

— Arreda!

Deu um ponta-pé na cachorra, que se afastou humilhada [redacted] com sentimentos revolucionarios.

Sinha Victoria tinha amanhecido nos seus azeites. Fóra de proposito, dissera ao marido umas inconveniencias a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: "Hum! hum!" E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difficil de entender, deitara-se na rede e pegara no somno. Sinha Victoria andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um ponta-pé.

Avizinhou-se da janella baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que seccavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para reprehendel-os. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquillo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradavel dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

Fazia mais dum anno que falava nisso ao marido. Fabiano a principio concordara com ella, [redacted] calculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o movel necessario economizando na roupa e no kerozene. Sinha Victoria respondera que isso era impossivel, porque elles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao amoitecer. Para bem dizer, não se

accendiam candieiros em casa. Tinham discutido, procurado cortar outras despesas. Como não se entendessem, sinha Victoria alludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. Resentido, Fabiano condemnara os sapatos de verniz que ella usava nas festas, caros e inuteis. Calçada naquillo, tropega, mexia-se como um papagaio, era ridicula. Sinha Victoria offendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria desproposito. Effectivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe callos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridicula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito.

Desfeitas essas nuvens, cortidos os dissabores, a cama de novo lhe apparecera no horizonte acanhado.

Agora pensava nella de mau humor. Julgava-a inattingivel e misturava-a ás obrigações da casa.

Foi á sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pelle de fumo, sahiu para o copiar. O chocalho da vacca laranja tilintou para os lados do rio. Fabiano era capaz de xxxxx se ter esquecido de curar a vacca laranja. Quiz accordal-o e perguntar, mas distrahiu-se olhando os chiquechiques e mandacarus que avultavam na campina.

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da secca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, xxxxxxxx temendo que ella virasse xxx realidade. Rezou baixinho um ave-maria, já tranquilla, a attenção desviada para (um) buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou

a pelle de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi concertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha.

— É capaz de Fabiano ter-se esquecido da vacca laranja.

Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma braza com a colher, accendeu o cachimbo, poz-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janella e foi cahir no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse acto com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do anno. Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava. Fez varias tentativas, inutilmente. O resultado foi seccar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquillo não significava nada.

Approximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de tres pontas, bebeu um caneco d'agua. Agua salobra.

— Iche!

Isto lhe suggeriu duas imagens quasi simultaneas, que se confundiram e neutralizaram: panellas e bebedouros. Encostou o fura-bolos á testa, indecisa. Em que estava pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, (largos) os grandes artelhos muito separados dos outros. De repente as duas idéas voltaram: o bebedouro seccava, a panella não tinha sido temperada.

Foi levantar o testo, recebeu na cara vermelha uma baforada de vapor. Não é que ia deixando a comida esturrar? Poz agua nella e remexeu-a com a quenga preta do coco. Em seguida provou o caldo. En-

sosso, nem parecia boia de christão. Chegou-se ao girau onde se guardavam combucos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panella.

Agora pensava no bebedouro, onde havia um liquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da secca.

Olhou de novo os pés espalmados. Effectivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem duvida, mututo anda assim. Para que fazer vergonha á gente? Arreliava-se com a comparação.

Pobre do papagaio. Viajara com ella, na gaiola que balançava em cima do bahu de folha. Gaguejava: "Meu louro." Era só o que sabia dizer. Fóra isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinha Victoria nem queria lembrar-se daquillo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara á fazenda. A referencia aos sapatos abrira-lhe uma ferida — e a viagem reapparecera. As alpercatas della tinham sido gastas nas pedras. Cançada, meio morta de fome, carregava o filho mais novo, o bahu e a gaiola do papagaio. Fabiano era ruim.

— Mal agradecido.

Olhou os pés novamente. Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da familia. Naquelle momento elle estava zangado, fitava na cachorrinha as pupillas serias e caminhava aos tombos, como os matutos em dias de festa. Para que Fabiano fôra despertar-lhe aquella recordação?

Chegou á porta, olhou as folhas amarellas das catingueiras. Suspirou. Deus não havia de permittir outra desgraça. Agitou a cabeça

e procurou occupações para entreter-se. Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu d'agua o caco das gallinhas, endireitou o poleiro. Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panellas de losna. E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Reprehendeu-os:

— Safadinhos! porcos! sujos como...

Deteve-se. [illegible] Ia dizer que elles estavam sujos como papagaios.

Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinha Victoria voltou para junto da trempe, [illegible] reaccendeu o cachimbo. A panella chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do tecto; Baleia, sob o girau, coçava-se com os dentes e pegava moscas. Ouviam-se distinctamente os roncos de Fabiano, compassados, e o rythmo delles influia nas idéas de sinha Victoria. Fabiano roncava com segurança. Provavelmente não havia perigo, a secca devia estar longe.

Outra vez sinha Victoria poz-se a sonhar com a cama de lastro de couro. Mas o sonho se ligava á recordação do papagaio, e foi-lhe preciso um grande esforço para isolar o objecto do seu desejo.

Tudo ali era estavel, seguro. O somno de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe uma sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. E ella se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro. A principio não se incommodara. Bamba, moida de

...

[redacted]

trabalho(s), deitar-se-ia em pregos. Viera, porêm, um começo de prosperidade. Comiam, engordavam. Não possuiam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o bahu de folha e troços miudos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava nelles — e eram quasi felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava sinha Victoria. Como já não se estazava em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando. E o costume de encafuar-se ao escurecer não estava certo, que ninguem é gallinha.

Nesse ponto as idéas de sinha Victoria seguiram outro caminho que pouco depois foi desembocar no primeiro. Não era que a raposa tinha passado no rabo a gallinha pedrez? Logo a pedrez, a mais gorda. Decidiu armar um mundeo perto do poleiro. Encolerizou-se. A raposa pagaria a gallinha pedrez.

— Ladrona.

Pouco a pouco a zanga se transferiu. Os roncos de Fabiano eram insupportaveis. Não havia homem que roncasse tanto. Era bom levantar-se e procurar uma vara direita para substituir aquelle pau amaldiçoado que não deixava uma pessoa virar-se. Porque não tinham removido aquella vara incommoda? Suspirou. (Mã. consequiam tomar resolução. Paciencia.) Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual á de seu Thomaz da bolandeira. Seu Thomaz tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alizado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ahi podia um christão estirar os ossos.

Se vendesse as gallinhas e a marrã? Infelizmente a excommungada raposa tinha comido a pedrez, a mais gorda. Precisava dar uma licção

á raposa. Ia armar um mundeo junto do poleiro e quebrar o espinhaço daquella semvergonha.

Ergueu-se, foi á camarinha procurar qualquer coisa, voltou desanimada e esquecida. Onde tinha a cabeça?

Sentou-se na janella baixa da cozinha, desgostosa. Venderia as gallinhas e a marrã, deixaria da comprar kerozene. Inutil consultar Fabiano, que sempre se enthusiasmava, arrumava projectos. Esfriava logo — e ella franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia com a idéa de possuir uma cama. Sinha Victoria desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual á de seu Thomaz da bolandeira.

O MENINO MAIS NOVO

A idéa surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios na egua alazã e entrou a amansal-a. Não era propriamente idéa: era o desejo vago de realizar qualquer acção notavel que espantasse o irmão e a cachorra Baleia.

Naquelle momento Fabiano lhe causava grande admiração. Mettido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo. As rosetas das esporas delle tilintavam no pateo, as abas do chapeo, jogado para traz, preso debaixo do queixo pela correia, augmentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um circulo enorme em torno da cabeça.

O animal estava sellado, os estribos amarrados na garupa, e sinha Victoria subjugava-o agarrando-lhe os beiços. O vaqueiro apertou a cilha e poz-se a andar em redor, fiscalizando os arranjos, lento. Sem se apressar, livrou-se dum coice: virou o corpo, os cascos da egua passaram-lhe rente ao peito, raspando o gibão. Em seguida Fabiano subiu ao copiar, saltou na sella, a mulher recuou

— e foi um redemoinho na catinga.

Trepado na porteira do curral, o menino mais novo torcia as mãos suadas, estirava-se para ver a nuvem de poeira que toldava as imburanas. Ficou assim uma eternidade, cheio de alegria e de medo, até que a egua voltou e começou a pular furiosamente no pateo, como se tivesse o diabo no corpo. De repente a cilha rebentou e houve um desmoronamento. O pequeno deu um grito, ia tombar da porteira. Mas socegou logo. Fabiano tinha cahido em pé e recolhia-se balzeiro e cambaio, os arreios no braço. Os estribos, soltos na carreira desesperada, batiam um no outro, as rosetas das esporas tiniam.

Sinha Victoria cachimbava tranquilla no banco do copiar, catando lendeas no filho mais velho. Não se conformando com semelhante indifferença depois da façanha do pae, o menino foi accordar Baleia, que preguiçava, a barriguinha vermelha descoberta, sem vergonha. A cachorra abriu um olho, encostou a cabeça á pedra de amolar, bocejou e pegou no somno de novo.

Julgou-a estupida e egoista, deixou-a, indignado, foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando communicar-se com ella. Sinha Victoria soltou uma exclamação de aborrecimento e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo.

Retirou-se zangado, encostou-se num esteio do alpendre, achando o mundo todo ruim e insensato. Dirigiu-se ao chiqueiro, onde os bichos bodejavam, fungando, erguendo os focinhos franzidos. Aquillo era tão engraçado que o egoismo de Baleia e o mau humor de sinha Victoria desappareceram. A admiração que Fabiano lhe inspirava é que ia ficando maior.

Esqueceu desentendimentos e grosserias, um enthusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. Apesar de ter medo do pae, chegou-se a elle devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão. As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapeo maravilhavam-no.

Fabiano desviou-o desattento, entrou na sala e foi despojar-se daquella grandeza.

O menino deitou-se na esteira, enrolhou-se e fechou os olhos. Fabiano era terrivel. No chão, despidos os couros, reduzia-se bastante, mas no lombo da egua alazã era terrivel.

Dormiu e sonhou. Um pé de vento cobria de poeira a folhagem das imburanas, sinha Victoria catava piolhos no filho mais velho, Baleia descançava a cabeça na pedra de amolar.

No dia seguinte essas imagens se varreram completamente. Os joazeiros do fim do pateo estavam escuros, destoavam das outras arvores. Porque seria?

Approximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da vespera. Encaminhou-se aos joazeiros, curvado, espiando os rastos da egua alazã.

Á hora do almoço sinha Victoria reprehendeu-o:

— Este capeta anda leso.

Ergueu-se, deixou a cozinha, foi contemplar as perneiras, o guarda-peito e o gibão pendurados num torno da sala. D'ahi marchou para o chiqueiro — e o projecto nasceu.

Arredou-se, fez tenção de entender-se com alguem, mas ignorava o que pretendia dizer. A egua alazã e o bode misturavam-se, elle e o pae misturavam-se tambem.

Poz-se a rodear o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano.

A necessidade de consultar o irmão appareceu e desappareceu. O outro iria rir-se, mangar delle, avisar sinha Victoria. Teve medo do riso e da mangação. Se falasse naquillo, sinha Victoria lhe puxaria as orelhas.

Evidentemente elle não era Fabiano. Mas se fosse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se.

Caminhou no pateo, banzeiro, até que o irmão e Baleia levaram as cabras ao bebedouro. A porteira abriu-se, um fartum espalhou-se pelos arredores, os chocalhos soaram, a camisinha de algodão atravessou o pateo, contornou as pedras onde se atiravam cobras mortas, passou os joazeiros, desceu a ladeira, alcançou a margem do rio.

Agora as cabras se empurravam mettendo os focinhos na agua, os cornos entrechocavam-se, Baleia, atarefada, latia correndo.

Trepado na ribanceira, com o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquillo era arriscado, mas parecia-lhe que ali em cima tinha crescido e podia virar Fabiano.

Sentou-se indeciso. O bode ia saltar e derrubal-o.

(12)

Ergueu-se, afastou-se, quasi livre da tentação, viu um bando de periquitos que voavam sobre as catingueiras. Desejou possuir um delles, amarral-o com uma embira, dar-lhe comida. Sumiram-se todos chiando,e o pequeno ficou triste, espiando o ceo cheio de nuvens brancas. Algumas eram carneirinhos, mas desmanchavam-se e tornavam-se bichos differentes. Duas grandes se juntaram — e uma tinha a figura da egua alazã, a outra representava Fabiano.

Baixou os olhos encandeados, esfregou-os, approximou-se novamente da ribanceira, distinguiu a massa confusa do rebanho, ouviu as pancadas dos chifres. Se o bode já tivesse bebido, elle experimentaria decepção. Examinou as pernas finas, a camisinha encardida e rasgada. Enxergara viventes no ceo, considerava-se protegido, convencia-se de que forças mysteriosas iam amparal-o. Boiaria [redacted] no ar, como um periquito.

Poz-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se. Ia mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados.

Ahi o bode se avizinhou e metteu o focinho na agua. O menino despenhou-se da ribanceira, escanchou-se no espinhaço delle.

Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se com os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal, que saltava demais e provavelmente se distanciava do bebedouro. Inclinou-se para um lado, mas, fortemente sacudido, retomou a posição vertical, entrou a dançar desengonçado, as pernas abertas, os braços inuteis. Outra vez impellido para a frente, deu um salto mortal

tal, passou por cima da cabeça do bode, augmentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia. Ficou ~~estatelado~~ ali estatelado, quietinho, um zumzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura.

Viu as nuvens que se desmanchavam no ceo azul, embirrou com ellas. Interessou-se pelo vôo dos urubus. Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu.

Sentou-se, apalpou as juntas doídas. Fôra saccolejado violentamente, parecia-lhe que os ossos estavam deslocados.

Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tel-o prevenido. Não descobriu nelles nenhum signal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, seria, desapprovava tudo aquillo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas.

Ergueu-se, arrastou-se com desanimo até a cerca do bebedouro, encostou-se a ella, o rosto virado para a agua barrenta, o coração esmorecido. Metteu os dedos finos pelo rasgão, coçou o peito magro. O tropel das cabras perdeu-se na ladeira, a cachorrinha ladrou longe. Como estariam as nuvens? Provavelmente algumas se transformavam em carneirinhos, outras eram como bichos desconhecidos.

Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecel-o. Com certeza Fabiano e sinha Victoria iam castigal-o por causa do accidente. Levantou os olhos timidos. A lua tinha apparecido, engrossava, acompanhada por uma estrellinha quasi invisivel. Áquella hora os periquitos descançavam na vazante, nas touceiras seccas de milho. Se possuisse um daquelles periquitos, seria feliz.

Baixou a cabeça, tornou a olhar a poça escura que o gado esvaziara. Uns riachos miudos marejavam na areia como arterias abertas de animaes. Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando.

Retirou-se. A humilhação attenuou-se pouco a pouco e morreu. Precisava entrar em casa, jantar, dormir. E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta na cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro. Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo dum cavallo brabo e voaria na catinga como pé de vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pateo assim, torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapeo de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados.

14-76 V.C.

O MENINO MAIS VELHO

(19)

Deu-se aquillo porque sinha Victoria não conversou um instante com o menino mais velho. Elle nunca tinha ouvido falar em inferno. Extranhando a linguagem de sinha Terta, pediu informações. Sinha Victoria, distrahida, alludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descripção, encolheu os hombros.

O menino foi á sala interrogar o pae, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola.

— Bota o pé aqui.

A ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço com a ponta da faca atraz do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou um seguida a fórma do calçado e bateu palmas:

— Arreda.

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou á cozinha, foi pendurar-se á saia da mãe:

— Como é?

Deu-se aquillo porque sinha Victoria não conversou um instante com o menino mais velho. Elle nunca tinha ouvido falar em inferno. Extranhando a linguagem de sinha Porta, pediu informações. Tinha Victoria, distrahida, alludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descripção, encolheu os hombros.

O menino foi á sala interrogar o pae, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola.

--- Nota o pé aqui.

A ordem se cumpriu e sabiam tomar medida de alpercata: deu um traço com a ponta da faca atraz do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Fiscou um seguida a fórma do calçado e bateu palmas:

--- Arreda.

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou á cozinha, foi pendurar-se á saia da mãe:

--- Como é?

(12)

Sinha Victoria ~~fixou~~ falou em espetos quentes e fogueiras.

— A senhora viu?

Ahi sinha Victoria se zangou, achou-o insolente e applicou-lhe um cocorote.

O menino sahiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, na beira da lagoa vazia.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquella hora difficil. Repousava junto á trempe, cochilando no calor, á espera dum osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava nos ossos, e o torpor que a embalava era doce. Mexia-se de longe em longe, punha na dona as pupillas negras onde a confiança brilhava. Admittia a existencia dum osso graudo na panella, e ninguem lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. Ás vezes recebia ponta-pés sem motivo. Os ponta-pés estavam previstos e não dissipavam a imagem do osso.

Naquelle dia a voz estridente de sinha Victoria e o cascudo na cabeça do menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem. Foi esconder-se num canto, por detraz do pilão, fazendo-se miuda entre combucos e cestos. Um minuto depois levantou o focinho e procurou orientar-se. O vento morno que soprava da lagoa fixou-lhe a resolução: esgueirou-se ao longo da parede, transpoz a janella baixa da cozinha, atravessou o terreiro, passou por baixo do pé de turco, topou o camarada chorando, muito infeliz, á sombra das catingueiras. Tentou minorar-lhe o padecimento saltando em roda e balançando a cauda. Não estava alegre, mas tambem não podia sen-

(12)

tirador excessiva. E como nunca se impacientava, continuou a pular, offegando, chamando a attenção do amigo. Afinal convenceu-o de que o procedimento delle era inutil.

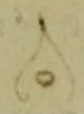
O pequeno sentou-se, accommodou nas pernas a cabeça da cachorra, poz-se a contar-lhe baixinho uma historia. [illegible] Tinha um vocabulario quasi minguado como o do papagaio que morrera no tempo da secca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a lingua, com movimentos faceis de entender.

Todos o abandonaram, a cadellinha era o unico vivente que lhe mostrava sympathia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contacto agradavel, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.

Continuou a acarial-a, approximou do focinho della a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranquillos.

Estivera mettido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, lambusando-se. Deixara o brinquedo e fôra interrogar sinha Victoria. Um desastre. A culpada era sinha Terta, que na vespera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra exquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gingivas banguelas. Elle tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. Por isso resingara, esperando que ella fizesse o inferno transformar-se.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pateo, o bebedouro — mundo onde existiam seres reaes, a familia do vaqueiro e os bichos da fazenda. Alem havia uma ser-



ra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quasi imperceptiveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetraveis bancos de macambira —- e ahi fervilhava uma população [redacted] de pedras vivas e plantas que [redacted] procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, ás vezes desappareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem duvida em toda a [redacted] parte forças maleficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protectora segurava-o na sella, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos.

Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amaveis. Antigamente os homens tinham fugido á toa, cançados e famintos. Sinha Victoria, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o bahu de folha na cabeça; Fabiano levava no hombro a espingarda da pederneira; Baleia mostrava as costellas atravez do pêlo escasso. Elle, o menino mais velho, cahira no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de repente, os chiquechiques e os mandacarus haviam desapparecido. Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta.

Naquelle tempo o mundo era ruim. Mas depois se concertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No girau da cozinha arrumavam-se mantas de carne secca e pedaços de toucinho. A sede não atormentava as pessoas, e a' tarde, aberta a porteira, o gado miudo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se ás vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as syllabas, imitava os berros dos animaes, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido [redacted] a idéa de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decoral-a e trasmittil-a ao irmão e á cachorra. Baleia permaneceria indifferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

— Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Victoria. Se ella houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Victoria impunha-se, auctoridade visivel e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer auctoridade invisivel e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencel-o dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturaes quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga dellas era a causa unica dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os paes antes de se dirigir a elles. Animara-se a interrogar sinha Victoria porque ella estava bem disposta. Explicou isto á cachorrinha com abundancia de gritos e gestos.

Baleia detestava expansões violentas: estirou as pernas, fechou os olhos e bocejou. Para ella os ponta-pés eram factos desagradaveis e necessarios. Só tinha um meio de evital-os, a fuga. Mas ás vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no trazeiro —sahia latindo, ia esconder-se no mato, com dese-

(6)

jo de morder canellas. Incapaz de realizar o desejo, aquietava-se. Effectivamente a exaltação do amigo era desarrazoada. Tornou a estirar as pernas e bocejou de novo. Seria bom dormir.

O menino beijou-lhe o focinho humido, embalou-a. A alma delle poz-se a fazer voltas em redor da serra azulada e dos bancos de macambira. Fabiano dizia que na serra havia tocas de sussuaranas. E nos bancos de macambira, rendilhados de espinhos, surgiam cabeças chatas de jararacas.

Esfregou as mãos finas, esgaravatou as unhas sujas. Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a lembrança da palavra infeliz. Diligenciou afastar do espirito aquella curiosidade funesta, imaginou que não fizera a pergunta, não recebera portanto o cascudo.

Levantou-se. Via a janella da cozinha, o cocó de sinha Victoria [illegible] e isto lhe dava pensamentos maus. Foi sentar-se debaixo de outra arvore, avistou a serra coberta de nuvens. Ao escurecer a serra misturava-se com o ceo e as estrellas andavam em cima della. Como era possivel haver estrellas na terra?

A cadellinha chegou-se aos pulos, cheirou-o, lambeu-lhe as mãos e accommodou-se.

Como era possivel haver estrellas na terra?

Entristeceu. Talvez sinha Victoria dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e sussuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com a bainha de faca.

(66)

(71)

Apesar de ter mudado de lugar, não podia livrar-se da presença de sinha Victoria. Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar nas estrellas que se accendiam na serra. Inutilmente. Áquella hora as estrellas estavam apagadas.

Sentiu-se fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, poz-se a fazer no chão desenhos mysteriosos. Para que sinha Victoria tinha dito aquillo?

Abraçou a cachorrinha com uma violencia que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se no chão. Farejando a panella, franzia as ventas e rosnar reprovava os modos extranhos do amigo. Um osso grande subia e descia no caldo. Esta imagem consoladora não a deixava.

O menino continuava a abraçal-a. E Baleia encolhia-se para não magual-o, soffria a caricia excessiva. O cheiro delle era bom, mas estava misturado com emanações que vinham da cozinha. Havia ali um osso. Um osso grande, cheio de tutano e com alguma carne.

57

14-76 V.C.

INVERNO

58

A familia estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão cahido, sinha Victoria de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos dois filhos. A cachorra Baleia, com o trazeiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brazas que se cobriam de cinza.

Estava um frio medonho, as gotteiras pingavam lá fóra, o vento sacudia os ramos das catingueiras e o barulho do rio era como um trovão distante.

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. As brazas estalaram, a cinza cahiu, um circulo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedra, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços delles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janella. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no somno, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se á trempe e ouviam a conversa dos paes. Não

11

era propriamente conversa: eram phrases soltas, espaçadas, com repetições e incongruencias. Ás vezes uma interjeição guttural dava energia ao discurso ambiguo. Na verdade nenhum delles prestava attenção ás palavras do outro: iam exhibindo as imagens que lhes vinham ao espirito, e as imagens succediam-se, deformavam-se, [illegible] não havia meio de dominal-as. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a dificiencia falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma historia bastante confusa, mas como só estavam illuminadas as alpercatas delle, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, attento. Se pudesse ver-lhe o rosto, comprehenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a difficuldade era grande. Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha. Sinha Victoria approvou este acto com um rugido, mas Fabiano zangou-se com a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigal-o. O pequeno escapuliu-se, foi enroscar-se na saia da mãe, que se poz francamente do lado delle.

— Hum! hum! Que brabeza!

Aquelle homem era assim mesmo, tinha o coração perto da guela.

— Estourado.

Remexeu as brazas com o cabo da quenga de coco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou accendel-as. Fabiano ajudou-a: suspendeu a tagarelice, poz-se de quatro pés e soprou os carvões, enchendo muito as bochechas. Uma fumarada invadiu a cozinha, as pessoas tossiram, enxugaram os olhos. Sinha Victoria manejou o abano, e passado um minuto as labaredas espirraram entre as pedras.

[redacted]

O circulo de luz augmentou, agora as figuras surgiam na sombra, vermelhas. Fabiano, visivel da barriga para baixo, ia-se tornando indistincto d'ahi para cima, era um negrume que vagos clarões cortavam. Desse negrume sahiu novamente a parolagem mastigada.

Fabiano estava de bom humor. Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de alluvião, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas. Certamente só appareciam as folhas, a espuma subia, lambendo ribanceiras que se desmoronavam.

Dentro em pouco o despotismo d'agua ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por emquanto a inundação crescia, matava bichos, occupava grotas e varzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da secca immediata, que aterrorizara a familia durante mezes. A catinga amarellecera, avermelhara-se, o gado principiara a emmagrecer e horriveis visões de pesadelo tinham agitado o somno das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o ceo para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucuriras e imburanas, houvera relampagos em demasia — e sinha Victoria se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquella brutalidade findara de chofre, a chuva cahira, a cabeça da cheia apparecera arrastando troncos e animaes mortos. A agua tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos joazeiros do fim do rateo. Sinha Victoria andava [illegible] Seria possivel que ella topasse os joazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir

o morro, viver ums dias no morro, vomo preás.

Suspirava atiçando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permittiria que succedesse tal desgraça.

— Ahn!

A casa era forte.

— Ahn!

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a familia.

— Ahn!

As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria á furia das aguas. E quando ellas baixassem, a familia regressaria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as aguas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.

— Ahn!

Sinha Victoria moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio que se approximava. Seria que elle estava com intenção de progredir? O som do abano enchia a cozinha, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos joazeiros.

Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exaggero e optimismo, estava convencido de que praticara feitos notaveis. Necessitava esta convicção: o soldado amarello provocara-o na feira, deralhe uma surra de facão e mettera-o na cadeia. Fabiano passara semanas

62

capiongo, [illegible] phantasiando vinganças, vendo a criação definhar na catinga torrada. Se [illegible] a secca chegasse, elle abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarello, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim, murcho, pensando na secca e roendo a humilhação. Mas a trovoada roncara, viera a [illegible] cheia, e agora as gotteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes.

Fabiano estava contente e esfregava as mãos. Como o frio era grande, approximou-as [illegible] das labaredas. Relatava um fusuê terrivel, esquecia as [illegible] pancadas e a prisão, (1) sentia-se capaz de actos importantes. [illegible]

O rio subia a ladeira, estava perto dos joazeiros. Não havia noticia de que os houvesse attingido — e Fabiano, seguro, baseado nas informações dos mais velhos, narrava uma briga de que sahira vencedor. A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nella. [illegible]

As vaccas vinham abrigar-se junto á parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria [illegible] no campo, as arvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, elle Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez sinha Victoria adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o girau de varas onde se espichavam era incommodo.

Fabiano gesticulava, [illegible] Sinha Victoria agitava o abano para sutentar as labaredas no angico molhado. Os meninos,

[redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted]

sentindo frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e escutavam as lorotas do pae. ~~Coriam assim quando fossem homens, puxariam a bolandeira nas festas de Natal e teriam muita consideração. Usariam sapatões de couro cru, esporas de rosetas enormes. E falariam grosso.~~ Começaram a discutir em voz baixa uma passagem obscura da narrativa. Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se atracando. Fabiano condemnou a impertinencia delles e quiz punil-os. Depois moderou-se, repisou o trecho incomprehensivel utilizando palavras differentes.

O menino mais novo bateu palmas, olhou as mãos de Fabiano, que se agitavam por cima das labaredas, escuras e vermelhas. As costas ficavam na sombra, mas as palmas estavam illuminadas e cor de sangue. Era como se Fabiano tivesse esfolado um animal. A barba ruiva e emmaranhada estava invisivel, os olhos azulados e immoveis fixavam-se nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silencios. Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquelle geito de bicho lerdo que não se aguentava em dois pés.

O menino mais velho estava descontente. Não podendo perceber as feições do pae, cerrava os olhos para entendel-o bem. Mas surgira uma duvida. Fabiano modificara a historia — e isto reduzia-lhe a verosimilhança. Um desencanto. Estirou-se e bocejou. Teria sido melhor a repetição das palavreas. Altercaria com o irmão procurando interpretal-as. Brigaria por causa das palavras — e a sua convicção encorparia. Fabiano devia tel-as repetido. Não. Apparecera uma variante, o heroe tinha-se tornado humano e contradictorio. O menino mais velho recordou-se dum brinquedo antigo, presente de seu Thomaz da bolandeira. Fechou os olhos, reabriu-os, somnolento. O ar que entrava pelas rachaduras

rachas das paredes esfriava-lhe uma perna, um braço, todo o lado direito. Virou-se, os pedaços de Fabiano sumiram-se. O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inuteis. Lembrou-se dos curraes feitos de seixos miudos, sob as catingueiras. Agora a lagoa estava cheia, tinha coberto os curraes que elle construira. O barreiro tambem se enchera, attingia a parede da cozinha, as aguas delle juntavam-se ás da lagoa. Para ir ao quintal onde havia craveiros e panellas de losna, sinha Victoria sahia pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da barahuna. Atraz da casa as cercas, o pé de turco e as catingueiras estavam dentro d'agua. As gotteiras pingavam, os chocalhos das vaccas tiniam, os sapos cantavam. O som dos chocalhos era familiar, mas a cantiga dos sapos e o rumor das gotteiras causavam extranheza. Tudo estava mudado. Chovia o dia inteiro, a noite inteira. As moitas e capões de mato onde viviam seres nysteriosos tinham sido violados. Havia lá sapos. E a cantiga delles subia e descia, uma toada lamentosa enchia os arredores. Tentou contar as vozes, atrapalhou-se. Eram muitas, com certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e nos capões. Que estariam fazendo? Porque gritavam a cantoria gorgolejada e triste? Nunca vira um delles, confundia-os com os habitantes invisiveis da serra e dos bancos de macambira. Enrolou-se, accommodou-se, adormeceu, uma banda aquecida pelo fogo, a outra banda protegida pelas nadegas de sinha Victoria.

O abano agitava-se, a madeira humida chiava, o vulto de Fabiano illuminava-se e escurecia.

Baleia, immovel, paciente, olhava os carvões e esperava que

65

a familia se recolhesse. Enfastiava-a o barulho que Fabiano fazia. No campo, seguindo uma rez, esguelava-se demais. Natural. Mas ali, á beira do fogo, para que tanto grito? Fabiano estava-se cançando á toa. Baleia se enjoava, cochilava e não podia dormir. Sinha Victoria devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano. Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do caritó, na sala. Era bom que a deixassem em paz. O dia todo espiava os movimentos das pessoas, tentando adivinhar coisas incomprehensiveis. Agora precisava dormir, livrar-se das pulgas e daquella vigilancia a que a tinham habituado. Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos, o tiquetaque das pinqueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Os Bichos miudos e sem dono iriam visital-a.

67

66

14-76 V.C.

F E S T A

Fabiano, sinha Victoria e os meninos iam á festa de Natal na cidade. Eram tres horas, fazia um grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das arvores amarellas nuvens de poeira e folhas seccas.

Tinham fechado a casa, atravessado o pateo, descido a ladeira, e pisunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos. Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por sinha Terta, com chapeo de baeta, collarinho, gravata, botinas de vaqueta e elastico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinha Victoria, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletot. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de panno branco na loja e incumbira sinha Terta de arranjar farpellas para elle e para os filhos. Sinha Terta achava pouca fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequencia as roupas tinham sahi-

do curtas, estreitas e cheias de emendas.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direito, a barriga para fóra, as costas arrumadas, olhando a serra distante. De ordinario olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cançou-o. E ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as tres leguas que o separavam da cidade. Descalçou-se, metteu as meias no bolso, tirou o paletot, a gravata e o collarinho, roncou alliviado. Sinha Victoria decidiu imital-o: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puzeram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se á vontade.

A cachorra Baleia, que vinha atraz, incorporou-se ao grupo. Se ella tivesse chegado antes, provavelmente Fabiano a teria enxotado. E Baleia passaria a festa junto ás cabras que sujavam o copiar. Mas com a gravata e o collarinho machucados no bolso, o paletot no hombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto della e acolheu-a.

Retomou a posição natural: andou cambaio, a cabeça inclinada. Sinha Victoria, os dois meninos e Baleia acompanharam-no. A tarde foi comida facilmente, e ao cahir da noite estavam na beira do riacho, á entrada da rua.

Ahi Fabiano parou, sentou-se, lavou os pés duros, procurando retirar das gretas fundas o barro que lá havia. Sem se enxugar, tentou calçar-se — e foi uma difficuldade: os calcanhares das meias de algodão formaram bolos nos peitos dos pés e as botinas de vaqueta resistiram como virgens. Sinha Victoria levantou a saia, sentou-se no chão

(8)

69

e limpou-se tambem. Os dois meninos entraram no riacho, esfregaram os pés, sahiram, calçaram as chinelinhas e ficaram espiando os movimentos dos paes. Sinha Victoria apromptava-se e erguia-se, mas Fabiano soprava arreliado. Tinha dominado a obstinação duma daquellas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava, e elle, com os dedos nas alças, fazia esforços inuteis. Sinha Victoria dava palpites que irritavam o marido. Não havia meio de introduzir o diabo do calcanhar no tacão. A um arranco mais forte, a alça de traz rebentou-se, e o vaqueiro metteu as mãos pela borracha, energicamente. Nada conseguindo, levantou-se resolvido a entrar na rua assim mesmo, coxeando, uma perna mais comprida que a outra. Com raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, deu uma patada violenta no chão. A carne comprimiu-se, os ossos estalaram, a meia molhada rasgou-se e o pé amarrotado se encaixou entre as paredes de vaqueta. Fabiano soltou um suspiro largo de satisfação e dor. Em seguida tentou prender o collarinho duro ao pescoço, mas os dedos tremulos não realizaram a tarefa. Sinha Victoria auxiliou-o: o botão entrou na casa estreita e a gravata amarrou-se. As mãos sujas, deixaram no collarinho manchas escuras.

—— Está certo, grunhiu Fabiano.

Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua. Sinha Victoria caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossivel dizer porque sinha Victoria levava o guarda-chuva com a biqueira para cima e o castão para baixo. Ella propria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adoptava o costume.

70

AQui

Fabiano marchava teso.

Os dois meninos espiavam as lampiões e adivinhavam casos extraordinarios. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a attenção das pessoas. Suppunham que existiam mundos differentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquillo, porêm, era exquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria xxxque o povo ali era brabo e não consentia que elles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Victoria, mas os pequenos retrahiam-se, encostavam-se ás paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores extranhos.

Chegaram á igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião della, tudo devia estar escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundancia, mas o que a incommodava era aquelle cheiro de fumaça.

Os meninos tambem se espantavam. Num mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinha Victoria muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aquelles objectos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia na fazenda o xxxxx fogo entre as pedras da cozinha e o candieiro de kerozene xxxx pendurado pela asa numa vara que sahia da taipa; de canto, o bemdito de sinha Xxxxxx Victoria e o aboio de Fabiano.

71

O aboio era triste, uma cantiga monotona e sem palavras que entorpecia o gado.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas accesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brazas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava mettido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo dum bicho e voava na catinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levara e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não differia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarral-o, subjugal-o, espremel-o num canto da parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite. Soprava e esforçava-se inutilmente por abanar-se com o chapeo. Difficil mover-se, estava amarrado. Lentamente conseguiu abrir caminho no povareo, esgueirou-se até junto da pia d'agua benta, onde se deteve, receoso de perder de vista a mulher e os filhos. Ergueu-se nas pontas dos pés, mas isto lhe arrancou um grunhido: os calcanhares esfolados começavam a affligil-o. Distinguiu o cocó de sinha Victoria, que se escondia atraz duma columna. Provavelmente os meninos estavam com ella. A igreja cada vez mais se enchia. Para avistar a cabeça da mulher, Fabiano precisava estirar-se, voltar o rosto. E o collarinho furava-lhe o pescoço. As botinas e o collarinho eram indispensaveis. Não poderia assistir á novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabelludo.

Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por anno. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletot engommados, botinas de elastico, chapeo de baeta, collarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora soffresse com ella. Suppunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.

Comparando-se aos typos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam delle. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com penna e tinta calculos incomprehensiveis. Da ultima vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de numeros, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escriptorio do branco, certo que fôra enganado. Todos lhe davam prejuizo. Os caixeiros, os commerciantes e o proprietario tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negocio com elle riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daquelles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o collarinho, a gravata, as botinas e o chapeo de baeta o tornavam ridiculo, mas não queria pensar nisto.

— Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beiços. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor aguentara facão e dormira na cadeia. Ora o soldado amarello... Sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradavel e procurou uma cara amiga na multidão. Se encontrasse um conhecido, iria chamal-o para

9

a calçada, abraçal-o, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. Estremeceu, tentou ver o cocó de sinha Victoria. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. Approximou-se delles, alcançou-os no momento em que a igreja começava a esvaziar-se.

Sahiram aos encontrões, desceram os degraus. Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarello. No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto. Sem motivo nenhum, o desgraçado tinha ido provocal-o, pisar-lhe o pé. Elle se desviara, com bons modos. Como o outro insistisse, perdera a paciencia, tivera um rompante. Consequencia: facão no lombo e uma noite de cadeia.

Convidou a mulher e os filhos para os cavallinhos, arrumou-os, distrahiu-se um pouco vendo-os rodar. Em seguida encaminhou-os ás barracas de jogo. Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, com a tentação de arriscal-o no bozó. Se fosse feliz, poderia comprar a cama de couro cru, o sonho de sinha Victoria. Foi beber cachaça numa tolda, voltou, poz-se a rondar indeciso, pedindo com os olhos a opinião da mulher. Sinha Victoria fez um gesto de reprovação, e Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de seu Ignacio, com o soldado amarello. Fôra roubado, com certeza fôra roubado. Avizinhou-se da tolda e bebeu mais cachaça. Pouco a pouco ficou semvergonha.

— Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer uma asneira. Se topasse o soldado amarello, esbodegava-se com elle. Andou entre as barracas, empro-
ado, atirando coices no chão, insensivel ás esfoladuras dos pés. Queria

era desgraçar-se, dar um panno de amostra áquelle safado. Não ligava importancia á mulher e aos filhos, que o seguiam.

— Appareça um homem! berrou.

No barulho que enchia a praça ninguem notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detraz das barracas, para lá dos taboleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nelle um resto de prudencia. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisiveis. Impellido por forças oppostas, expunha-se e acautelava-se. Sabia que aquella explosão era perigosa, temia que o soldado amarello surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a reuna. O soldado amarello, falto de substancia, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evital-os. Mas a lembrança delles tornava-se ás vezes horrivel. E Fabiano estava tirando uma desforra. Estimulado pela cachaça, fortalecia-se:

— Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Appareça um homem.

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguem appareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, suppoz que havia ali perto homens escondidos, com medo delle. Insultou-os:

— Cambada de...

Parou agoniado, suando frio, a boca cheia d'agua, sem atinar com a palavra. Cambada de que? Tinha o nome debaixo da lingua. E a lingua engrossava, perra, Fabiano cuspia, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados. Recuou alguns passos, entrou a engulhar. Em seguida approximou-se novamente das luzes, capengando, foi sentar-se na cal-

çada duma loja. Estava desanimado, bambo; o enthusiasmo [redacted] attrefecera. [redacted] Cambada de que? Repetia a pergunta sem saber o que procurava. Olhou de perto a cara da mulher, não conseguiu distinguir-lhe os traços. Sinha Victoria [redacted] perceberia a atrapalhação delle? Havia ali outros matutos conversando, e Fabiano enjoou-os. Se não estivesse tão anciado, arrotando, suando, brigaria com elles. A interrogação que lhe aperreava o espirito confuso juntou-se á idéa de que aquellas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Queria que[redacted] o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. Cambada de que? Soltou um grito aspero, bateu palmas:

— Cambada de cachorros.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se. Cambada de cachorros. Evidentemente os matutos como elle não passavam de cachorros. Procurou com as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que elles estavam accommodados. Uma contracção violenta no pescoço entortou-lhe o rosto, a boca encheu-se novamente de saliva. Poz-se a cuspir. Serenou, respirou com força, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia do beiço. Estava era tonto, com uma zoada infeliz nos ouvidos. Ia jurar que mostrara valentia e correra perigo. Achava ao mesmo tempo que havia commettido uma falta. Agora estava pesado e com somno. Enquanto andara fazendo espalhafato, a cabeça cheia de aguardente, desprezara as esfoladuras dos pés. Mas esfriava, e as botinas de vaqueta maguavam-no em demasia. Arrancou-as, tirou as meias, libertou- se do collarinho, da gravata e do paletot, enrolou tudo, fez um travesseiro, estirou-se no cimento, puxou para os olhos o chapeo de baeta. E adormeceu, com o estomago embrulhado.

Sinha Victoria achava-se em difficuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. Podia esconder-se no fundo do quadro, por detraz das barracas, para lá dos tamboretes das doceiras. Ergueu-se meio decidida, tornou a acocorar-se. Abandonar os meninos, o marido naquelle estado? Apertou-se e observou os cantos com desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente, chegou á esquina da loja, onde havia um magote de mulheres agachadas. E, olhando as frontarias das casas e as lanternas de papel, molhou o chão e os pés das outras matutas. Arrastou-se para junto da familia, tirou do bolso o cachimbo de barro, atochou-o, accendeu-o, largou algumas baforadas longas de satisfação. Livre da necessidade, viu com interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na secca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrazados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, attentou naquellas bellezas. O borborinho da multidão era doce, o realejo fanhoso dos cavallinhos não descançava. Para a vida ser boa, só faltava a sinha Victoria uma cama igual á de seu Thomaz da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de cocoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa.

Os meninos trocavam impressões cochichando, afflictos com o desapparecimento da cachorra. Puxaram a manga da mãe. Que fim teria levado Baleia? Sinha Victoria levantou o braço num gesto molle e indicou vagamente dois pontos cardeaes com o canudo do cachimbo. Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha? Indifferentes á igreja, ás lanternas de papel, aos bazares, ás mesas de jogo e aos foguetes, só se

77

importavam com as pernas dos transeuntes. Coitadinha, andava por ahi perdida, aguentando pontapés.

De repente Baleia appareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a lingua e com o rabo um vivo contentamento. O menino mais velho agarrou-a. Estava segura. Tentaram explicar-lhe que tinham tido um sucto enorme por causa della, mas Baleia não ligou importancia á explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar exquisito, cheio de odores desconhecidos. Quiz latir, expressar opposição a tudo aquillo, mas percebeu que não convenceria ninguem e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos.

A opinião dos meninos assemelhava-se á della. Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que haviam muitas pessoas no mundo. Occupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objectos. Communicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossivel imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma duvida e apresentou-a ao irmão. Seria que aquillo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas illuminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os hombros. Talvez aquillo tivesse sido feito por gente. Nova difficuldade chegou-lhe ao espirito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquellas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exhibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puzeram-se a discutir a questão intricada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossivel, ninguem conservaria tão grande somma de conhecimentos.

Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, mysteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os individuos que mexiam nellas commettiam imprudencia. Vistas de longe, eram bonitas. Cheios de admiração e de medo, falavam baixo para não desencadear as forças extranhas que ellas porventura encerrassem.

Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinha Victoria enxergava, atravez das barracas, a cama de seu Thomaz da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapeo cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nelle um cheiro que o tornava irreconhecivel. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarellos tinham apparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reunas e ameaçavam-no com facões terriveis.

78

79

79

14-76 V.C.

B A L E I A

17

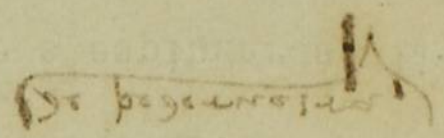
80

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emmagrecido, o pêlo cahira-lhe em varios pontos, as costellas avultavam num fundo roseo, onde manchas escuras suppuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços difficultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ella estivesse com um principio de hydrophobia e amarrara-lhe no pescoço um rosario de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a peor, roçava-se nas estacas do curral ou mettia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matal-a. Foi buscar a espingarda de pederneira, mexeu-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregal-a bem para a cachorra não ~~xxxxxx~~ soffrer muito.

Sinha Victoria fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cançavam de repetir a mes-



ma pergunta:

— Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano affligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ella era como uma pessoa da familia: brincavam juntos os tres, para bem dizer não se differençavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quizeram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinha Victoria levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por taparlhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugal-os, resmungando com energia.

Ella tambem tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessaria e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinha Victoria tinha relaxado os musculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

— Capeta excommungado.

Na lucta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. Safadinho. Atirou um cocorote ao craneo enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens.

Pouco a pouco a colera diminuiu, e sinha Victoria, embalando

18

82

as crianças, enjoou-se da cadella achacada, [redacted] muchochos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniencia deixar cachorro doido solto em casa.Mas comprehendia que estava sendo severa demais, achava difficil Baleia endoidecer e lamentava que o marido naõ houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensavel.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinha Victoria encolheu o pescoço e tentou encostar os hombros ás orelhas. Como isto era impossivel, levantou os braços e, sem largar o filho, conseguiu occultar um pedaço da cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando a barahuna e as porteiras, açulando um cão invisivel contra animaes invisiveis:

— Ecô! ecô!.

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou á janella baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da arvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupillas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janella, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar ás catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos trazeiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se poz a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Victoria pegou-se á Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-

se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e ás panellas de losna, metteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pateo, correndo em tres pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se ali um instante, meio desorientada, sahiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna trazeira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com difficuldade a parte posterior do corpo. Quiz recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos joazeiros. Sob a raiz de um delles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali, cobria-se de poeira, evitava as moscas e os (mo)squitos, e quando se levantava, tinha folhas seccas e gravetos collados ás feridas, era um bicho differente dos outros.

Cahiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se , endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miudos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto ás pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrivel queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Poz-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quasi imperceptiveis .

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas pollegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, afflicta. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e approximava-se.

Sentiu um cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nelle particulas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a lingua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfacto cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe appareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objecto exquisito na mão. Não conhecia o objecto, mas poz-se a tremer, convencida de que elle encerrava surpresas desagradaveis. Fez um esforço para desviar-se daquillo e encolher o rabo. Cerrou as palpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto delle, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existencia em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objecto desconhecido continuava a ameaçal-a. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas cahidas. Ficou assim algum tempo, depois socegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão,

+8

com certeza o sol desapparecera.

Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o odor forte do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

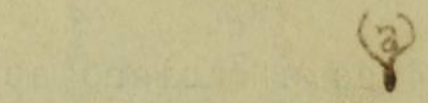
Baleia assustou-se. Que faziam aquelles animaes soltos de noite? A obrigação della era levantar-se, conduzil-os ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Extranhou a ausencia delles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não attribuia a esse desastre a importancia em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angustia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: áquella hora cheiros de sussuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Victoria guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silencio completo, nenhum signal de vida nos arredores. O gallo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o gallo batia as azas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença delles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a lingua pendente e insensivel. Não sabia o que tinha succedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difficil do barreiro ao fim do pateo desvaneciam-se no seu espirito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam



de trempe. Antes de se deitar, sinha Victoria retirava d'ali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquillo ficava um bom lugar para cachorro descançar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para traz era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Victoria tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Accordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme . As crianças se espojariam com ella, rolariam com ella num pateo enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

88

87

-14-76 V.C.

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animaes, não chegava a ferrar um bezerro ou assignar a orelha dum cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns mezes, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roidas as espigas de milho, recorria á gaveta do amo, cedia por preço baixo o producto das sortes. Resmungava, resingava, numa afflicção tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engulia em secco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Acceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juizo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

— Conversa. Dinheiro anda num cavallo e ninguem pode viver sem comer. Quem é que do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietario queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora daquella vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, emfim deixou a transacção meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Victoria mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de varias especies, realizou sommas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou á cidade, mas ao fechar o negocio notou que as operações de sinha Victoria, como de costume, differiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a differença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Elle era um bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era um bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do Braúco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era delle de mão beijada! Estava direito aquillo? Trabalhar como negro e nunca arranjar a carta de alforria!

O patrão zangou-se, repelliu a insolencia, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço em outra fazenda.

Ahi Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra á toa, pedia desculpa. Era um bruto, não fôra ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorancia da mulher, provavelmente

devia ser ignorancia da mulher. Até extranhara as contas della. Emfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cahir noutra.

O amo abrandou, e Fabiano sahiu de ~~xxxxx~~ costas, o chapeo varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou folego. Não deviam tratal-o assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Ignacio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquella miseria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o ~~xxxx~~ dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquillo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quasi de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

— Ladroeira.

Não lhe permittiam queixas. Porque reclamara, achara a coisa uma exorbitancia, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato?

— Hum! hum!

Recordou-se do que lhe succedera annos atraz, antes da secca, longe. Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado ás despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fôra vendel-o na cidade. Mas o sujeito da prefeitura chegara com o talão de recibos e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desenten-

dido: não comprehendia nada, era um bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencel-o de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de historias com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

— Um bruto, está percebendo?

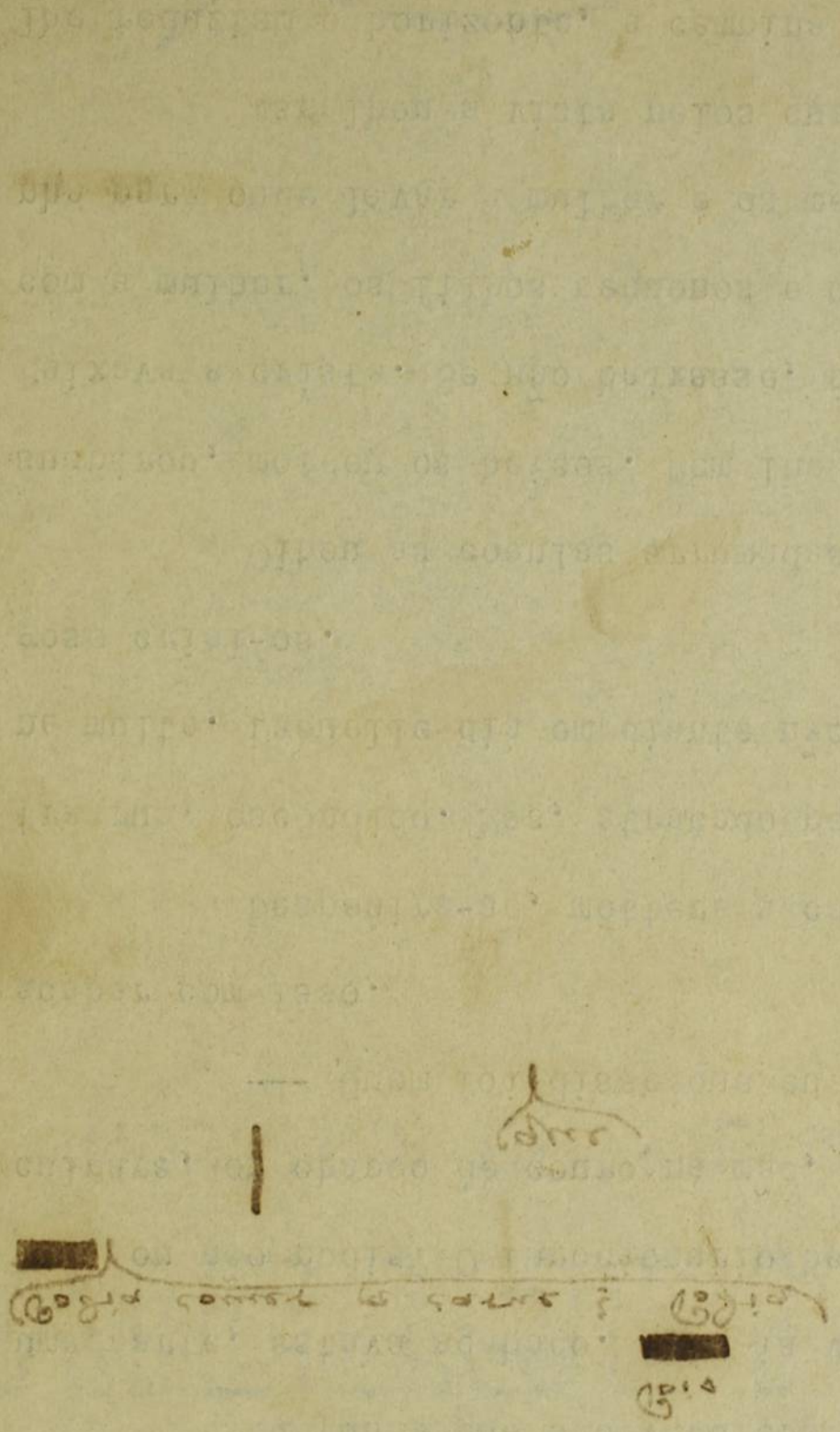
Suppunha que o cevado era delle. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois [redacted] ia voltar para casa e comer a carne! Podia comer a carne ? Podia [redacted] ou não podia? O funccionario batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapeo de couro na mão, o espinhaço curvo:

— Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.

Despedira-se, mettera a carne no sacco e fôra vendel-a em outra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquelle dia em diante não [redacted] criara mais porcos. Era perigoso crial-os.

Olhou as cedulas arrumadas na palma, os nikeis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desoccuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hein? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!

Espalhou a vista pelos quatro cantos. Alem dos telhados, que lhe reduziam o horizonte, a campina [redacted] se extendia, secca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera atravez della, com a familia, todos esmolambados e famintos. Haviam escapado, e isto lhe parecia um milagre. Nem sabia como tinham escapado.



Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Apparentemente resignado, sentia um odio immenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina secca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra elle. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas ás vezes se arreliava. Não havia paciencia que supportasse tanta coisa.

— Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Pois não estavam vendo que elle era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguem tinha culpa de elle haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possivel melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pae vivera assim, o avô tambem. E para traz não existia familia. Cortar mandacaru, ensebar lategos — aquillo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era delle, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Porque seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se occuparem com semelhantes porcarias.

Na palma da mão as notas estavam humidas de suor. [redacted] Desejava saber o tamanho da extorção. Da ultima vez que fizera contas com o amo o prejuizo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar em juros e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difficeis, elle sahia logrado. Sobresaltava-se escutando-as. Evidentemente só

[redacted]

[redacted]

[redacted]

serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Ás vezes decorava algumas e empregava-as fóra de proposito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia delle usar conversa de gente rica? Sinha Terta é que tinha uma ponta de lingua terrivel. Era: falava quasi tão bem como as pessoas da cidade. Se elle soubesse falar como sinha Terta, procuraria serviço em outra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovellos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas dum infeliz que não tinha onde cahir morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hein? que iam ganhar?

— Ahn!

Agora não criava porco e queria ver o typo da prefeitura cobrar delle imposto e multa. Arrancavam-lhe a camisa do corpo e ainda por cima davam-lhe facão e cadeia. Pois não trabalharia mais, ia descançar.

Talvez não fosse. Interrompeu o monologo, levou uma eternidade contando e recontando mentalmente o dinheiro. Amarrotou-o com força, empurrou-o no bolso raso da calça, metteu na casa estreita o botão de osso. Porcaria.

Levantou-se, foi até a porta duma bodega, com vontade de beber cachaça. Como não havia muitas pessoas encostadas ao balcão, recuou. Não gostava de se ver no meio do povo. Falta de costume. Ás vezes dizia uma coisa sem intenção de offender, entendiam outra, e lá vinham questões. Perigoso entrar na bodega. O unico vivente que o comprehendia era

a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos. Sinha Victoria Terta é que se explicava como gente da rua. Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. Elle não tinha. Se tivesse, não viveria naquelle estado.

Um perigo entrar na bodega. Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da ultima visita feita á venda de seu Ignacio. Se não tivesse tido a idéa de beber, não lhe haveria succedido aquelle desastre. Nem podia tomar uma pinga descançado. Bem. Ia voltar para casa e dormir.

Sahiu lento, pesado, capiongo, as rosetas das esporas silenciosas. Não conseguiria dormir. Na cama de varas havia um pau com um nó, bem no meio. Só muito cançaço fazia um christão accommodar-se em semelhante dureza. Precisava fatigar-se no lombo dum cavallo ou passar o dia concertando cercas. Derreado, bambo, espichava-se e roncava como um porco. Agora não lhe seria possivel fechar os olhos. Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquella perseguição. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. Não ia fazer nada. Matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, emquanto o deixassem ficar. Depois sahiria pelo mundo, iria morrer de fome na catinga secca.

Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro com a faca de ponta. Se ao menos pudesse recordar-se de factos agradaveis, a vida não seria inteiramente má.

Deixara a rua. Levantou a cabeça, viu uma estrella, depois muitas estrellas. As figuras dos inimigos esmoreceram. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. Era como se elle

tivesse matado uma pessoa da familia."

97

96

14-76 V.C.

O SOLDADO AMARELLO

Fabiano metteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa secca, torrada, coberta de catingueiras e capões de mato. Ia pesado, o aiol cheio a tiracollo, uma porção de lategos e chocalhos pendurados num braço. O facão batia nos tocos.

Espiava o chão como de costume, decifrando rastos. Conheceu os da egua russa e da cria, marcas de cascos grandes e pequehos. A egua russa, com certeza. Deixara pêlos brancos num tronco de angico. Urinara na areia e o mijo desmanchara as pegadas, o que não aconteceria se se tratasse dum cavallo.

Fabiano ia desprecatado, observando esses signaes e outros que se cruzavam, de viventes menores. Corcunda, parecia farejar o solo — e a catinga deserta animava-se, os bichos que ali tinham passado voltavam, appareciam-lhe diante dos olhos miudos.

Seguiu a direcção que a egua havia tomado. Andara cerca de cem braças quando o cabresto de cabello que trazia no hombro se enganchou num pé de quipá. Desembaraçou o cabresto, puxou o facão, poz-se a cortar os quipás e as palmatorias que [redacted] interrompiam a passagem.

98

9

Tinha feito um estrago feio, a terra se cobria de palmas espinhosas. Deteve-se percebendo um rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarello que, um anno antes, o levara á cadeia, onde elle aguentara uma surra e passara a noite. Sem reconhecel-o, baixou a arma. Aquillo durou um segundo. Menos: durou uma fracção de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarello teria cahido esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que elle fez teria sido bastante para um homicidio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrario. A lamina parou de chofre, junto á cabeça do intruso, bem em cima do bonnet vermelho. A principio o vaqueiro não comprehendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquillo era um homem e, coisa mais grave, uma auctoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro.

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os musculos afrouxavam. Realmente não quizera matar um christão: procedera como quando, a montar brabo, evitava galhos e espinhos. Ignorava os movimentos que fazia na sella. [redacted] Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarello. Se ella tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente. Não demorara. A certeza do perigo surgira — e elle estava indeciso, de olho arregalado, respirando com difficuldade, um espanto verdadeiro no rosto barbudo coberto de suor, o cabo do facão mal seguro entre os dedos humidos.

[redacted]

[redacted]

[redacted]

Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se poz a rir. Medo daquillo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro, Elle não era dunga na cidade? não pisava os pés dos matutos, na feira? não botava gente na cadeia? Semvergonha, mofino.

Irritou-se. Porque seria que aquelle safado batia os dentes como um caitetu? Não via que elle era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara. A idéa do perigo ia-se sumindo. Que perigo? Contra aquillo nem precisava facão, bastavam as unhas. Agitando os chocalhos e os lategos, chegou a mão esquerda, grossa e cabelluda, á cara do policia, que recuou e se encostou a uma catingueira. Se não fosse a catingueira, o infeliz teria cahido.

Fabiano pregou nelle os olhos ensanguentados, metteu o facão na bainha. Podia matal-o com as unhas. Lembrou-se da surra que levara e da noite passada na cadeia. Sim senhor. Aquillo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inoffensivas. Estava certo? O rosto de Fabiano contrahia-se, medonho, mais feio que um focinho. Hein? estava certo? Bulir com as pessoas que não fazem mal a ninguem. Porque? Suffocava-se, as rugas da testa aprofundavam-se, os pequenos olhos azues abriam-se demais, numa interrogação dolorosa.

O soldado encolhia-se, escondia-se por detraz da arvore. E Fabiano cravava as unhas nas palmas callosas. Desejava ficar cego outra vez. Impossivel readquirir aquelle instante de inconsciencia. Repetia que a arma era desnecessaria, mas tinha a certeza de que não conseguiria utilizal-a — e apenas queria enganar-se. Durante um minuto a colera que sentia por se considerar impotente foi tão grande que

PP

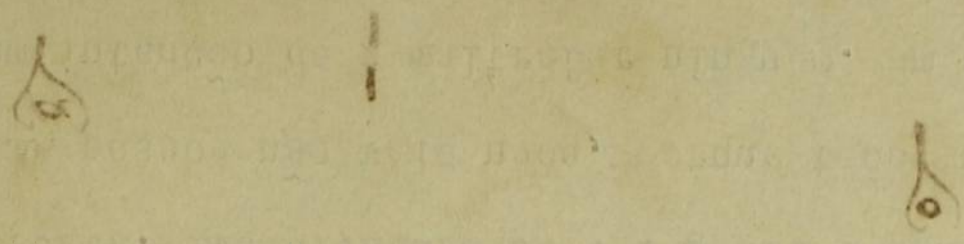
recuperou a força e avançou para o inimigo.

A raiva cessou, os dedos que feriam a palma descerraram-se — e Fabiano estacou desageitado, como um pato, o corpo amollecido.

Grudando-se á catingueira, o soldado apresentava apenas um braço, uma perna e um pedaço da cara, mas esta banda de homem começava a crescer aos olhos do vaqueiro. E a outra parte, a que estava escondida, devia ser maior. Fabiano tentou afastar a idéa absurda:

— Como a gente pensa coisas bestas!

Alguns minutos antes não pensava em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insupportaveis. Era um sujeito violento, de coração perto da guela. Não, era um cabra que se arreliava algumas vezes — e quando isto acontecia, sempre se dava mal. Naquella tarde, por exemplo, se não tivesse perdido a paciencia e xingado a mãe da auctoridade, não teria dormido na cadeia depois de aguentar zinco no lombo. Dois excommungados tinham-lhe cahido em cima, um ferro batera-lhe no peito, outro nas costas, e elle se arrastara tiritando como um frango molhado. Tudo porque se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. Falta de criaçaõ. Tinha lá culpa? O sarapatel se formara, o cabo abrira caminho entre os feirantes que se apertavam em redor: "Toca pra frente." Depois surra e cadeia, por causa duma tolice. Elle, Fabiano, tinha sido provocado. Tinha ou não tinha? Salto de reuna em cima da alpercata. Impacientara-se e largara o palavrão. Natural, xingar a mãe duma pessoa não vale nada, porque todo mundo vê logo que a gente não tem intenção de maltratar ninguem. Um dicterio sem importancia. O amarello devia saber isso. Não sabia. Sahira-se com quatro pedras na mão, apitara. E Fabiano comera da banda podre. "Desafasta."



Deu um passo para a catingueira. Se elle gritasse agora "Desafasta", que faria o policia? Não se afastaria, ficaria collado ao pé de pau. Uma lazeira, a gente podia xingar a mãe delle.Mas então... Fabiano estirava o beiço e rosnava. Aquella coisa arreada e achacada mettia as pessoas na cadeia, dava-lhes pancada. Não entendia. Se fosse uma criatura forte de saude e muque, estava certo. Emfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquillo... Soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se elle tinha receio de empregar typos direitos. Aquella cambada só servia para morder as pessoas innoffensivas. Elle, Fabiano, seria tão ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancada nelles? Não xxixx iria.

Approximou-se lento, fez uma volta, achou-se em frente do policia, que embasbacou, apoiado ao tronco, a pistola e o punhal inuteis. Esperou que elle se mexesse. Era uma lazeira, certamente, mas vestia farda e não ia ficar assim, os olhos arregalados, os beiços brancos, os dentes chocalhando como bilros. Ia bater o pé, gritar, levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reuna em cima da alpercata. Desejava que elle fizesse isso. A idéa de ter sido insultado, preso, moido por uma criatura mofina era insupportavel. Mirava-se naquella covardia, via-se mais lastimoso e miseravel que o outro.

Baixou a cabeça, coçou os pêlos ruivos do xxixx queixo. Se o soldado não puxasse o facão, não gritasse, elle Fabiano seria um vivente muito desgraçado.

Devia sujeitar-se áquella tremura, áquella amarellidão? Era um bicho resistente, callejado. Tinha nervo, queria brigar, mettera-se

em espalhafatos e (5) jahira de crista levantada. Recordou-se de luctas antigas, em danças com femea e cachaça. Uma vez, de lambedeira em punho, espalhara a negrada. Ahi sinha Victoria começara a gostar delle. Sempre fôra reimoso. Iria esfriando com a idade? Quantos annos teria? Ignorava, mas certamente envelhecia e fraquejava. Se possuisse espelhos, veria rugas e cabellos brancos. Arruinado, um caco. Não sentira a transformação (a), mas estava-se acabando.

O suor humedeceu (4)-lhe as mãos duras. Então? Suando com medo duma peste que se escondia tremendo? Não era uma infelicidade grande, a maior das infelicidades? Provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim molle e ronceiro. Como a gente muda! Era. Estava mudado. Outro individuo, muito differente do Fabiano que levantava poeira nas salas de dança. Um Fabiano bom para aguentar facão (a) no lombo e dormir na cadeia.

Virou a cara, enxergou o facão de rasto. Aquillo nem era facão, não servia para nada.

Ora não servia!

—.Quem disse que não servia?

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas (ma) de quipá. Estivera a pique de rachar o quengo dum sem-vergonha. Agora dormia na bainha rota, era um troço inutil, mas tinha sido uma arma. Se aquella coisa tivesse durado mais um segundo, o policia estaria morto. Imaginou-o assim, cahido, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabellos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastal-o para dentro da catinga, entregal-o aos urubus. E não sentiria remorso. Dor-

miria com a mulher, socegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam criação. Era um homem, evidentemente.

Assumou-se, fixou os olhos nos olhos do policia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que supprimir aquelle doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa duma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, hão valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

Vacillou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapeo de couro.

— Governo é governo.

Tirou o chapeo de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarello.

105

104

14-76 V.C.

O MUNDO COBERTO DE PENNAS

9

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau signal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas arvores da beira do rio, descançavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquellas excommungadas levavam o resto da agua, queriam matar o gado.

Sinha Victoria falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a phrase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ella estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o ceo limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arribações cortava. Um bicho de pennas matar o gado! Provavelmente sinha Victoria não estava regulando.

Fabiano estirou o beiço e enrugou mais a testa suada: impossivel comprehender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundal-a. Entrou na casa, trouxe o aiol, [redacted] preparou um [redacted]

cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

— Chi! Que fim de mundo!

Não permaneceria ali muito tempo. No silencio comprido só se ouvia um rumor de asas.

Como era que sinha Victoria tinha dito? A phrase della tornou ao espirito de Fabiano e logo a significação appareceu. As arribações bebiam a agua. Bem. O gado cortia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Victoria largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ella queria dizer. Esqueceu a infelicidade proxima, riu-se encantado com a experteza de sinha Victoria. Uma pessoa como aquella valia ouro. Tinha idéas, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difficeis encontrava sahida. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Áquella hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de pennas.

Desejou ver aquillo de perto, levantou-se, botou o aiol a tiracollo, foi buscar o chapeo de couro e a espingarda de pederneira. Desceu o copiar, atravessou o pateo, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. Tinham-lhe apparecido aquellas coisas horriveis na boca, o pêlo cahira, e elle precisara matal-a. Teria procedido bem? Nunca havia reflectido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ella mordesse os meninos? Podia consentir? Loucura expor as crianças á hydrophobia. Pobre da Baleia. Sacudiu a cabeça para afastal-a do espirito. Era o diabo daquella espingarda que lhe trazia

a imagem da cadellinha. A espingarda, sem duvida. Virou o rosto defronte das pedras do fim do pateo, onde Baleia apparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus.

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, approximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça d'agua preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisivel. Pestes. Quando ellas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos seccariam.

Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se em outro lugar, recomeçar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves cahiram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, novos bandos chegaram, aquillo não tinha fim.

Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miudo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro, novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou tres dias; se possuisse munição, teria comida para semanas e mezes.

Examinou o polvarinho e o chumbeiro, pensou na viagem, estremeceu. Tentou illudir-se, imaginou que ella não se realizaria se elle não a provocasse com idéas ruins. Reaccendeu o cigarro, procurou distrahir-se falando baixo. Sinha Terta era pessoa de muito saber naquellas beiradas. Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que elle não conseguiria nunca decifrar. Aquelle negocio de juros engulia tudo, e afinal o banco ainda achava que fazia favor.

O soldado amarello...

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarello. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquella tarde o soldado amarello, devia tel-o cortado a facão. Cabra ordinario, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre delle. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, molle. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito miserias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor, a mulher e os filhos acabando-se tambem. Devia ter furado o pescoço do amarello com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguem podia respeital-o. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.

— Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarello. Os soldados amarellos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarello e os que mandam nelle.

Como gesticulava com furor, gastando muita energia, poz-se a resfolegar e sentiu sede. Pela cara vermelha e queimada o suor corria, tornava mais escura a barba ruiva. Desceu da ribanceira, agachou-se á beira da agua salobra, poz-se a beber ruidosamente nas palmas das mãos. Uma nuvem de arribações voou assustada. Fabiano levantou-se,

um brilho de indignação nos olhos.

—— Miseraveis.

A colera delle se voltava de novo contra as aves. Tornou a sentar-se na ribanceira, atirou muitas vezes nos ramos do mulungu, o chão ficou todo coberto de cadaveres. Iam ser salgados, extendidos em cordas. Tencionou aproveital-os como alimento da viagem proxima. Devia gastar o resto do dinheiro em chumbo e polvora, passar um dia no bebedouro, depois largar-se pelo mundo. Seria necessario mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessario, agarrou-se a esperanças fragéis. Talvez a secca não viesse, talvez chovesse. Aquelles malditos bichos é que lhe faziam medo. Procurou esquecel-os. Mas como poderia esquecel-os se estavam ali, voando-lhe em torno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos, espalhados no chão, mortos? Se não fossem elles, a secca não existiria. Pelo menos não existiria naquelle momento: viria depois, seria mais curta. Assim, começava logo —— e Fabiano sentia-a de longe. Sentia-a como se ella já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas immensas das retiradas. Alguns dias antes estava socegado, preparando lategos, concertando cercas. De repente, um risco no ceo, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a annunciar destruição. Elle já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas.

—— Miseraveis.

As bichas excommungadas eram a causa da secca. Se pudesse matal-as, a secca se extinguiria. Mexeu-se com violencia, carregou a espingarda furiosamente. A mão grossa, cabelluda, cheia de manchas e

descascada, tremia sacudindo a vareta.

— Pestes.

Inpossivel dar cabo daquella praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sózinho num mundo coberto de pennas, de aves que iam comel-o. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Victoria, novamente nos descampados, transportando o bahu de folha. Uma pessoa de tanto juizo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro. As arribações matavam o gado. Como tinha sinha Victoria descoberto aquillo? Difficil. Elle, Fabiano, espremendo os miolos, não diria semelhante phrase. Sinha Victoria fazia contas direito: sentava-se na cozinha, consultava montes de sementes de varias especies, correspondentes a mil réis, tostões e vintens. E acertava. As contas do patrão eram differentes, arranjadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que ellas estavam erradas e o patrão queria enganal-o. Enganava. Que remedio? Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia. Um cabra, Mas as contas de sinha Victoria deviam serxxxxxxx exactas. Pobre de sinha Victoria. Não conseguiria nunca extender os ossos numa cama, o unico desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando magual-a, Fabiano concordava com ella, embora aquillo fosse um sonho. Não poderiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações.

Desceu da ribanceira, xx apanhou lentamente os cadaveres, metteu-os no aiol, que ficou cheio, empanzinado. Retirou-se devagar. Elle, sinha Victoria e os dois meninos comeriam as arribações.

Se a [redacted] cachorra Baleia [redacted] estivesse viva, xxxxxxx iria regalar-se. Porque seria que o coração delle se apertava?

9

Coitadinha da cadella. Matara-a forçado, por causa da molestia. Depois voltara aos lategos, ás cercas, ás contas embaraçadas do patrão. Subiu a ladeira, avizinhou-se dos joazeiros. Junto á raiz de um delles a pobrezinha gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas seccas. Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse commettido um erro? Olhou a planicie torrada, o morro onde os preás saltavam, confessou ás catingueiras e aos alastrados que o animal tivera hydrophobia, ameaçara as crianças. Matara-o por isso. E não pensara mais nelle.

Aqui as idéas de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com as arribações, que não se distinguiam da secca. Elle, a mulher e os dois meninos seriam comidos. Sinha Victoria tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admiral-a. Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadella. Coitadinha, magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos urubus.

Diante dos joazeiros, Fabiano apressou-se. Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem?

Chegou-se á casa, com medo. Ia escurecendo, e áquella hora elle sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Victoria, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara uma injustiça matando a cachorra. Necessario abandonar aquelles lugares amaldiçoados. Sinha Victoria pensaria como elle.

113

112

-14-76 V.C.

FUGA

9

A vida na fazenda se tornara difficil. Sinha Victoria benzia-se tremendo, manejava o rosario, mexia os beiços franzidos rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarella, onde as folhas seccas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No ceo azul as ultimas arribações tinham desapparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, (matou o bezerro morrinhento que possuiam,) salgou a carne, largou-se com a familia, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquella divida exaggerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Sahiram de madrugada. Sinha Victoria metteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela. Atravessaram o pateo, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os dois joazeiros. Ao passar junto ás pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, sinha

Victoria lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas ninguem estava invisivel e ninguem percebeu o choro.

Desceram a ladeira, atravessaram o rio secco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silencio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miudos — os dois meninos na frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Victoria sob o bahu de folha pintada e a cabaça d'agua, Fabiano atraz, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aiol a tiracollo, a espingarda de pederneira num hombro, o sacco da matalotagem no outro. Caminharam bem tres leguas antes que a barra do nascente apparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depoz no chão parte da carga, olhou o ceo, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquillo fosse realmente mudança. Retardara-se a reprehendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem geito, nem acreditava nella. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a preparal-a, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemiterio? Nada o prendia áquella terra dura, não acharia um lugar menos secco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam concerto, o cavallo de fabrica, bom companheiro, a egua alazã, as catingueiras, as panellas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés delle esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessario largar tudo? As alpercatas chiavam de novo no caminho coberto de seixos.

Agora Fabiano examinava o ceo, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. Procurou distinguir qualquer coisa differente da vermelhidão que todos os dias espiava, com o coração aos baques. As mãos grossas, por baixo da aba curva do chapeo, protegiam lhe os olhos contra a claridade e tremiam.

Os braços penderam, desanimados.

— Acabou-se.

Antes de olhar o ceo, já sabia que elle estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim.

Desde o apparecimento das arribações vivia desassocegado. Trabalhava demais para não perder o somno. Mas no meio do serviço um arrepio corria-lhe no espinhaço, á noite accordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de varas, mordido pelas pulgas, conjecturando miserias.

A luz augmentou e espalhou-se na campina. Só ahi principiou a viagem. Fabiano attentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o sacco dos mantimentos, [illegible] ordenou a marcha com uma interjeição aspera.

Afastaram-se rapidos, como se alguem os tangesse, e as alpercatas de Fabiano iam quasi tocando os calcanhares dos meninos. A lembrança da cachorra Baleia picava-o, intoleravel. Não podia livrar-se della. Os mandacarus e os alastrados vestiam a campina, espinho, só espinho. E Baleia aperreava-o. Precisava fugir daquella vegetação inimiga.

Os meninos corriam. Sinha Victoria procurou com a vista o rosario de contas brancas e azues arrumado entre os peitos, mas, com o

movimento que fez, o bahu de folha pintada ia cahindo. Aprumou-se e endireitou o bahu, remexeu os beiços numa oração. Deus Nosso Senhor protegeria os innocentes. Sinha Victoria fraquejou, uma ternura immensa encheu-lhe o coração. Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monosyllabos. Apesar de ter boa ponta de lingua, sentia aperto na garganta e não poderia explicar-se. Mas achava-se desamparada e miuda na solidão, necessitava um apoio, alguem que lhe desse coragem. Indispensavel ouvir qualquer som. A manhã, sem passaros, sem folhas e sem vento, progredia num silencio de morte. A faixa vermelha desapparecera, diluira-se no azul que enchia o ceo. Sinha Victoria precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, seccando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e aquillo tudo, a quentura medonha, as arvores transformadas em garranchos, a immobilidade e o silencio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objectos proximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça. Falou no futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?

Fabiano hesitou, coçou a barba e resmungou, como fazia sempre que lhe dirigiam palavras incomprehensiveis. Mas achou bom que sinha Victoria tivesse puxado conversa. Ia num desespero, o sacco da comida e o aiol começavam a pesar excessivamente. Sinha Victoria fez a pergunta, Fabiano matutou e andou bem meia legua sem sentir. A principio quiz responder que evidentemente elles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos e mais fracos. Eram outros, para bem dizer. Sinha Victoria insistiu. Não seria bom tornarem a viver como

tinham vivido, muito longe? Fabiano agitava a cabeça, vacillando. Talvez fosse, talvez não fosse. Cochicharam uma conversa longa e entrecortada, cheia de malentendidos e repetições. Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de seu Thomaz. Discutiram e acabaram reconhecendo que aquillo não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na secca. Approximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre á toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a idéa de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinha Victoria tentou socegal-o dizendo que elle poderia entregar-se a outras occupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direcção á fazenda abandonada. Recordou-se dos animaes feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para traz? Os animaes estavam mortos. Encarquilhou as palpebras contendo as lagrimas, uma saudade grande espremeu-lhe o coração, mas um instante depois vieram-lhe ao espirito figuras insupportaveis: o patrão, o soldado amarello, a cachorra Baleia morta, inteiriçada junto ás pedras do fim do pateo.

Os meninos sumiram-se numa curva do caminho. Fabiano adiantou-se para alcançal-os. Era preciso aproveitar a disposição delles, deixar que andassem á vontade. Sinha Victoria acompanhou o marido, chegou-se aos filhos. Dobrando o cotovello da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns annos; o patrão, o soldado amarello e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espirito.

E a conversa recomeçou. Agora Fabiano estava meio optimista. Endireitou o sacco da comida, examinou o rosto carnudo e as pernas grossas da mulher.

Bem. Desejou fumar. Como segurava a boca do sacco e a coronha da espingarda, não poude realizar o desejo. Temeu arrear, não proseguir na caminhada. Continuou a tagarelar, agitando a cabeça para afugentar uma nuvem que, vista de perto, escondia o patrão, o soldado amarello e a cachorra Baleia. Os pés callosos, duros como cascos, mettidos em alpercatas novas, caminhariam mezes. Ou não caminhariam? Sinha Victoria achou que sim. Fabiano agradeceu a opinião della e gabou-lhe as pernas grossas, as nadegas volumosas, os peitos cheios.As bochechas de sinha Victoria avermelharam-se e Fabiano repetiu com enthusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Victoria riu e baixou os olhos. Não era tanto como elle dizia não. Dentro de pouco tempo estaria magra, de seios bambos. Mas recuperária carnes. E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beiço, duvidando. Sinha Victoria combateu a duvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual á de seu Thomaz da bolandeira? Fabiano coçou a testa: lá vinham [illegible] os despropositos. Sinha Victoria insistiu e dominou-o. Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinarias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

— O mundo é grande.

Realmente para elles era bem pequeno, mas affirmavam que era grande — e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres mysteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu sinha Victoria. Fabiano extranhou a

pergunta e rosnou uma objecção. Menino é bicho miudo, não pensa. Mas sinha Victoria renovou a pergunta — e a certeza do marido abalou-se. Ella devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

— Vaquejar, opinou Fabiano.

Sinha Victoria, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o bahu de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idéa! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalho, rios seccos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam á saudade que ataca os sertanejos na mata. Então elles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adoptariam costumes differentes.

Fabiano ouviu os sonhos da mulher, deslumbrado, relaxou os musculos, e o sacco de comida escorregou-lhe no hombro. Arpumou-se, deu um puxão á carga. A conversa de sinha Victoria servira muito: haviam caminhado leguas quasi sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano ergueu a cabeça,piscou os olhos por baixo da aba negra e queimada do chapeo de couro. Meio-dia, pouco mais ou menos. Baixou os olhos encandeados, procurou descobrir na planicie uma sombra ou signal d'agua. Estava realmente com um buraco no estomago. Endireitou o sacco de novo e, para conserval-o em equilibrio, andou pendido, um hombro alto, outro baixo. O optimismo de sinha Victoria já não lhe fazia mossa. Ella ainda se agarrava a phantasias. Coitada. Armar semelhantes planos, assim bamba, o peso do bahu e da cabaça enterrando-lhe o pescoço no corpo.

Foram descançar sob os garranchos duma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, [redacted] beberam na cuia uns goles d'agua. Na testa de Fabiano o suor seccava, misturando-se á poeira que enchia as rugas fundas, embebendo-se na correia do chapeo. A tontura desapparecera, o estomago socegara. Quando partissem, a [redacted] cabaça não [redacted] envergaria o espinhaço de sinha Victoria. Instinctivamente procurou no descampado indicio de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes [redacted] sujos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim besta, olhando [redacted] filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbrugava um osso com appetite. Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu.

Se achassem agua ali [redacted] por perto, beberiam muito, sahiriam cheios, arrastando os pés. Fabiano communicou isto a sinha Victoria e indicou uma depressão do terreno. Era um bebedouro, não era? Sinha Victoria estirou o beiço, indecisa, e Fabiano affirmou o que havia perguntado. Então elle não conhecia aquellas paragens? Estava a falar variedades? Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como sinha Victoria tinha duvidas, Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. E sinha Victoria excitava-se, transmittia-lhe esperanças. Andavam por lugares conhecidos. Qual era o emprego de Fabiano? Tratar de bichos, explorar os arredores, no lombo dum cavallo. E elle explorava tudo. Para lá dos [redacted] montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planicie, tinha de cór plantas e animaes, buracos e pedras.

Os meninos deitaram-se e pegaram no somno. Sinha Victoria pediu o binga ao companheiro e accendeu o cachimbo, Fabiano preparou um cigarro. Por emquanto estavam socegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projectos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topographicos, falou no cavallo de fabrica, [redacted] Ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com elles, transportaria a bagagem. Algum tempo comeria folhas seccas, mas alem dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente pertencia ao fazendeiro — e definhava, sem ter quem lhe desse a ração. Ia morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Se ellas tivessem paciencia, comeriam tranquillamente a carniça. Não tinham paciencia, aquellas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.

— Pestes.

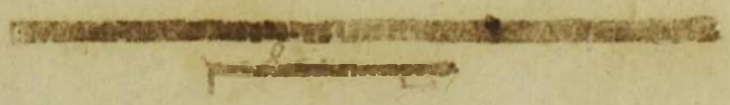
Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu.

— Pestes.

Olhou as sombras movediças que enchiam a campina. Talvez estivessem fazendo circulos em redor do pobre cavallo esmorecido num canto de cerca. Os olhos de Fabiano se humedeceram. Coitado do cavallo. Estava magro, pelado, faminto, e arredondava uns olhos que pareciam de gente.

— Pestes.

O que indignava Fabiano era o costume que os miseraveis tinham



de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender. Ergueu-se, assustado, como se os bichos tivessem descido do ceo azul e andassem ali perto, num vôo baixo, fazendo curvas cada vez menores em torno do seu corpo, de sinha Victoria e dos meninos.

Sinha Victoria percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se tambem, accordou os filhos, arrumou os pitcuás. Fabiano retomou o carrego. Sinha Victoria desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. Em cima poz uma trouxa. Fabiano approvou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavallo. ~~Assim elle ficaria~~ Sim senhor. Que mulher! Assim elle ficaria com a carga alliviada e o pequeno teria um guarda-sol. O peso da cuia era uma insignificancia, mas Fabiano achou-se leve, pisou rijo e encaminhou-se ao bebedouro. Chegariam lá antes da noite, beberiam, descançariam, continuariam a viagem com o luar. Tudo isso era duvidoso, mas adquiria consistencia. E a conversa recomeçou, emquanto o sol descambava.

— Tenho comido toucinho com mais cabello, declarou Fabiano desafiando o ceo, os espinhos e os urubus.

— Não é? murmurou sinha Victoria sem perguntar, apenas confirmando o que elle dizia.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Accommodar-se-iam num sitio pequeno, o que parecia difficil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam differentes delles. Sinha Victoria esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas á boca do sacco e á coronha da espingarda de pederneira.

9

Não sentia a espingarda, o sacco, as pedras xxxxxxxxxxxxxxx miudas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. As palavras de sinha Victoria encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma Terra desconhecida. Fabiano estava contente e xxxxxxxxxx acreditava nessa terra, porque não sabia como ella era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinha Victoria, [redacted] as palavras que sinha Victoria murmurava porque tinha confiança nella. E andavam para o sul, mettidos naquelle sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difficeis e necessarias. Elles dois velhinhos, acabando-se como xxxxxxxxxx uns cachorros, inuteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos xxx nella. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Victoria e os dois meninos.

124

10A6
12 = não compor
4 funs centu

124*

125

INDICE - 12V.C.

✓ Mudança.....

✓ Fabiano.....

✓ Cadeia.....

✓ Sinhá Victoria.....

✓ O menino mais novo.....

(a) ✓ O menino mais velho.....

✓ Inverno.....

✓ Festa.....

✓ Baleia.....

✓ Contas.....

✓ O soldado amarello.....

✓ O mundo coberto de pennas.....

✓ Fuga.....

003110